

**PUBLICAÇÕES SISTEMA FIRJAN**  
*PESQUISAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS*

DIAGNÓSTICOS E  
MAPEAMENTOS SETORIAIS

**DIAGNÓSTICO  
DO COMÉRCIO  
EXTERIOR DO  
ESTADO DO RIO**

EDIÇÃO 2017



Esta publicação contempla os seguintes temas:



COMPETITIVIDADE



RIO DE JANEIRO



DIAGNÓSTICOS E  
MAPEAMENTOS SETORIAIS

# DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2017

Agosto/2017

Sistema  
**FIRJAN**



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.



DIAGNÓSTICOS E  
MAPEAMENTOS SETORIAIS

# DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2017

## Sistema FIRJAN

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

PRESIDENTE: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira  
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Ricardo Carvalho Maia  
SUPERINTENDENTE DO SESI-RJ / DIRETOR REGIONAL DO  
SENAI-RJ / SUPERINTENDENTE DO IEL-RJ / DIRETOR  
EXECUTIVO DE OPERAÇÕES: Alexandre dos Reis

### Conselho Empresarial de Relações Internacionais da FIRJAN/CIRJ

PRESIDENTE: Luiz Felipe de Seixas Corrêa

### FIRJAN Internacional

PRESIDENTE: Carlos Mariani Bittencourt  
DIRETOR: Frederico Cezar de Araujo

### Diretoria Executiva de Relação com Associados

DIRETOR: Ricardo Carvalho Maia

### Gerência-Geral de Suporte Sindical e Empresarial (GGE)

GERENTE-GERAL: João Paulo Alcantara Gomes

### Gerência da FIRJAN Internacional

GERENTE: Pedro Spadale  
ASSESSOR: Fernando Saboya de Castro

### Equipe Técnica da FIRJAN Internacional

Claudia Teixeira  
Thiago Pacheco

### Gerência de Planejamento de Marketing (GPM)

GERENTE: Glícia Curti Sant'Anna Carnevale

### Equipe Técnica

Marcio Felipe Afonso  
Tatiana Sanchez  
Vanessa Magdalení

### Gerência Geral de Comunicação

GERENTE-GERAL: Daniela Araújo Lins Teixeira

### Gerência de Comunicação de Marketing

GERENTE: Ingrid Buckmann Cardoso de Mello

### Equipe Técnica

Fabiana M. de Barros  
Paulo Quintão

Agosto/2017

Sistema  
**FIRJAN**



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.



# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>6</b>
<b>Seção I: Panorama do Comércio Exterior em 2016</b>	<b>7</b>
<b>Seção II: Caracterização das Empresas Pesquisadas</b>	<b>25</b>
<b>Seção III: Perfil das Empresas Exportadoras</b>	<b>35</b>
<b>Seção IV: Perfil das Empresas Importadoras</b>	<b>47</b>
<b>Seção V: Cenário Mundial e Negociações Internacionais</b>	<b>57</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>67</b>
<b>Metodologia e Amostra</b>	<b>71</b>
<b>Nota Metodológica</b>	<b>72</b>

# APRESENTAÇÃO

O Sistema FIRJAN tem a satisfação de apresentar a quarta edição do **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio**. A pesquisa traça o perfil das empresas fluminenses que atuam no comércio exterior e elenca os obstáculos internos e externos que afetam seu desempenho nessa atividade.

A partir das respostas de 362 empresas, é possível comparar os resultados de 2017 com aqueles observados nas edições anteriores de 2015 (328 empresas respondentes), de 2013 (303 empresas respondentes) e de 2011 (301 empresas respondentes), realçando avanços, retrocessos e mudanças na percepção dos exportadores e importadores.

Mais uma vez, o resultado do Diagnóstico demonstra que ainda existe uma série de questões prioritárias a serem tratadas pelos agentes que regulamentam o comércio exterior. Pela quarta edição consecutiva, a burocracia aduaneira foi apontada pelas empresas fluminenses como o maior entrave ao comércio exterior. Ao mesmo tempo, notou-se um crescimento expressivo das empresas que apontaram os custos tributários e a burocracia tributária.

O aprimoramento do ambiente de negócios é fundamental para permitir a inserção do país nas cadeias globais de valor. Vale ressaltar que o Brasil, apesar de 9ª economia mundial, apresentou resultados pouco satisfatórios no comércio internacional. Em 2016, participou com apenas 1% do comércio mundial, sendo o 28º país no ranking de transações de bens.

O Sistema FIRJAN acredita que o Diagnóstico permite maior conhecimento do comércio exterior do Rio de Janeiro, de seus atores, suas apreensões e aspirações e pode contribuir para aprofundar a sensibilização das autoridades e das empresas para a importância estratégica dessa atividade.

Além disso, a pesquisa pode se tornar um instrumento capaz de contribuir para a superação das dificuldades ao viabilizar melhorias no ambiente do comércio exterior fluminense para os próximos anos. Vale ressaltar que a maior parte das empresas indicou no Diagnóstico que, se os entraves fossem retirados, as exportações tenderiam a crescer de maneira significativa.

Com esta nova edição, esperamos mais uma vez colaborar para a efetivação de políticas públicas e ações orientadas à internacionalização das empresas fluminenses. O aperfeiçoamento dessas medidas será fundamental para o ambiente de negócios globalizado e competitivo no qual nossas empresas estão inseridas.

**Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira**

Presidente do Sistema FIRJAN





**PANORAMA DO COMÉRCIO  
EXTERIOR EM 2016**

Seção I:

## **PANORAMA DO COMÉRCIO EXTERIOR EM 2016**

Esta primeira seção focaliza os resultados do comércio exterior do Brasil em 2016, especialmente os dados do Estado do Rio de Janeiro, 2º em participação no comércio exterior brasileiro (9,2%), atrás apenas de São Paulo. O desempenho de 2016 é comparado a 2014, ano da edição anterior do Diagnóstico. As informações, consolidadas pela FIRJAN Internacional, com base nos dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), retratam o desempenho do Estado do Rio nas atividades de exportação e importação, em particular: a balança comercial do Estado do Rio de Janeiro; sua participação nas exportações brasileiras; os principais setores do comércio exterior fluminense e os principais parceiros comerciais.

Adicionalmente, apresentamos os resultados brasileiros de 2016 referentes ao comércio exterior de serviços. Os dados estão baseados nas informações do Siscoserv, sistema do MDIC e da Receita Federal do Brasil implementado em 2013 que registra as transações de serviços, e estão organizados por: principais estados importadores e exportadores, principais serviços comercializados pelo Estado do Rio de Janeiro e, ainda, parceiros em destaque.

### **Parte I - Comércio Exterior de Bens**

Em 2016, o comércio exterior brasileiro registrou o maior saldo comercial da série histórica<sup>1</sup> (US\$ 47,7 bilhões), diante de US\$ 185 bilhões em exportações e US\$ 138 bilhões em importações. Esse resultado positivo no saldo comercial foi decorrente da queda acentuada das importações nos últimos anos. Em comparação a 2014, o país diminuiu a corrente de comércio (US\$ 323 bilhões) em 29%. No comparativo com o ano-base da última edição do Diagnóstico, recuaram tanto as importações (40%) quanto as exportações (18%). Esse desempenho está em consonância com o resultado do comércio exterior mundial, que também recuou 16% nesses dois anos.

Por sua vez, o Estado do Rio apresentou superávit de US\$ 4,6 bilhões em 2016, o maior saldo desde 2012. Assim como o desempenho do país na comparação entre 2014 e 2016, a corrente de comércio do Estado somou US\$ 30 bilhões e fechou o ano com queda de 33%.

O resultado do Rio foi semelhante ao nacional em 2016: as exportações fluminenses (US\$ 17 bilhões) recuaram 24% em comparação a 2014, assim como as importações do Rio (US\$ 13 bilhões), que retraíram 42%. Cabe ressaltar que, em 2014, as compras externas haviam atingido recorde histórico (US\$ 22 bilhões).

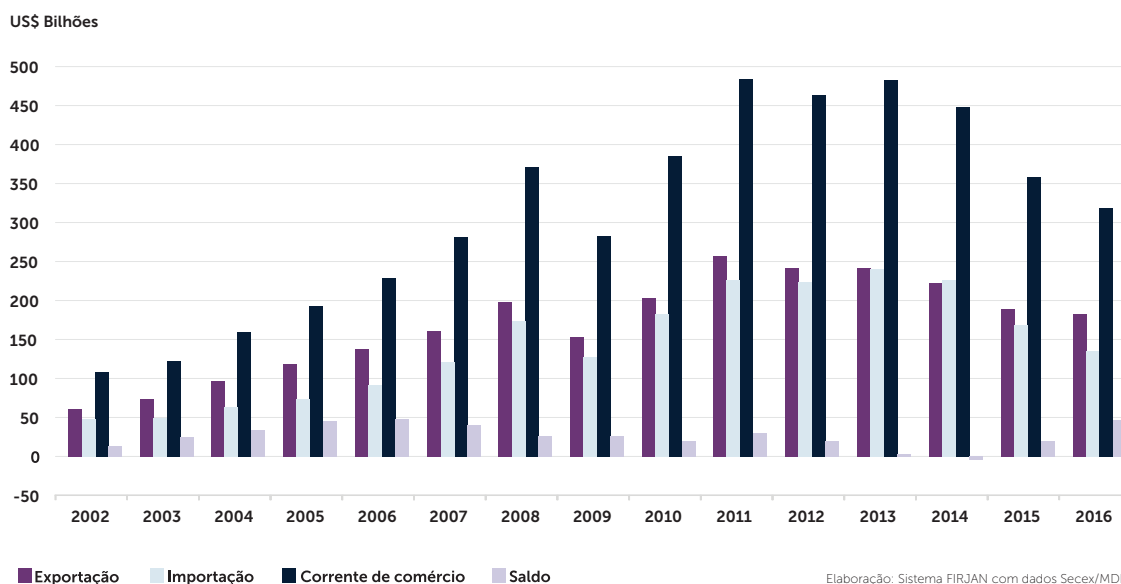
O Brasil registrou recuo em todas as classes de produtos exportados, básicos ou industrializados, no comparativo com 2014. No Rio de Janeiro, contudo, apesar da queda de 39% nas exportações de produtos básicos (US\$ 8 bilhões), as vendas externas de produtos industrializados (US\$ 8,7 bilhões) avançaram 1%, sobretudo pelo incremento de 16% nas exportações de produtos manufaturados.

---

<sup>1</sup> A série histórica é iniciada em 1996.

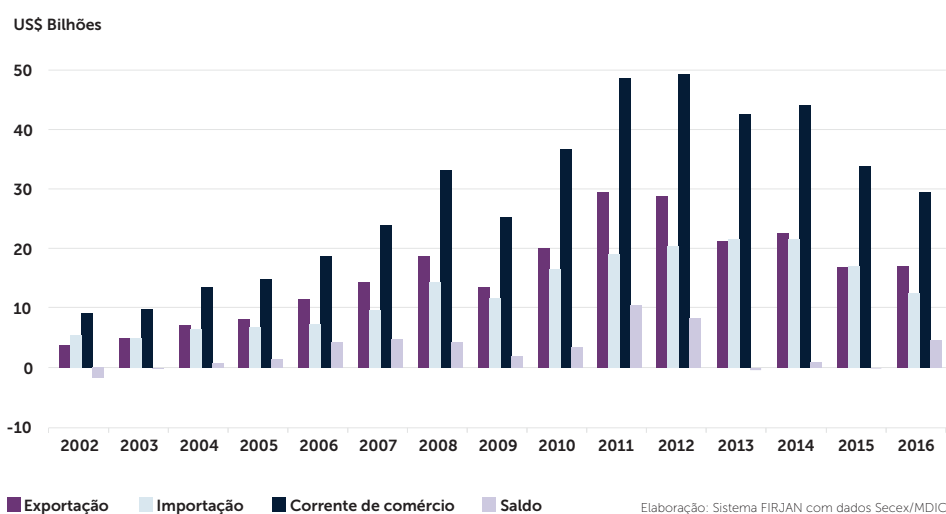
Nos Gráficos 1 e 2 a seguir, é possível observar séries mais longas do comércio exterior do Brasil e do Rio. O primeiro apresenta a balança comercial brasileira entre 2002 e 2016. As exportações avançaram 207%, incremento acima da variação das importações (191%). Diante disto, a corrente de comércio brasileira ao longo desses anos aumentou 200%. Vale registrar que o comércio exterior mundial, entre 2002 e 2016, obteve uma taxa de crescimento menor que a do Brasil (145%).

### Gráfico 1: Balança Comercial Brasileira



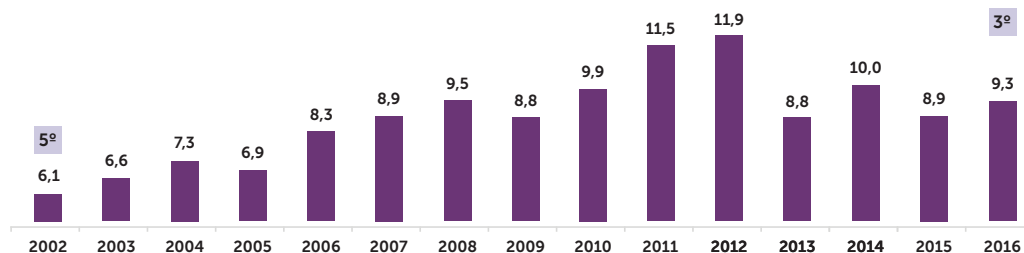
O Gráfico 2 apresenta os resultados da balança comercial do Estado do Rio de Janeiro entre 2002 e 2016: as exportações fluminenses cresceram 370% e as importações, 133%. Com isso, o Estado do Rio apresentou um aumento em sua corrente de comércio de 228% no período, superior ao crescimento do comércio exterior brasileiro em geral.

### Gráfico 2: Balança Comercial do Estado do Rio de Janeiro



A partir destes resultados, o Estado do Rio de Janeiro aumentou sua participação nas exportações brasileiras e se consolidou como um dos maiores exportadores. Em 2002, o Rio de Janeiro era o 5º maior estado exportador com 6,1% do total exportado pelo Brasil. Apesar da queda em 2015, o estado retomou a 3ª posição e atingiu a participação de 9,3% nas exportações brasileiras (Gráfico 3) em 2016. No tocante às importações, o estado do Rio se manteve na 2ª colocação entre as unidades federativas e manteve o patamar de 9% em participação no total comprado pelo país. Com isso, em termos de corrente, o Rio foi o segundo maior estado do comércio exterior brasileiro (9,2%), atrás apenas de São Paulo.

### Gráfico 3: Participação Fluminense nas Exportações Brasileiras (%)



Elaboração: Sistema FIRJAN com dados Secex/MDIC

A tabela a seguir apresenta os fluxos comerciais do Estado do Rio de Janeiro em 2016: as exportações, segundo fator agregado, e as importações, segundo categoria de uso. Em 2016, ao contrário de 2014, a pauta exportadora (US\$ 17,2 bilhões) foi composta, na sua maioria, por produtos industrializados (US\$ 8,7 bilhões), que representaram 51% do total, enquanto os básicos (US\$ 8 bilhões) contabilizaram 47%. Foi a primeira vez desde 2006 que os produtos industrializados superaram em valor os produtos básicos na pauta exportadora, em especial pelas exportações recordes de manufaturados (US\$ 7,6 bilhões) e pela retração de 39% na exportação de produtos básicos. Quanto às importações (US\$ 12,5 bilhões), o estado comprou 42% a menos que 2014. A maior parte das importações foi de bens industriais (70%), principalmente bens intermediários e matéria-prima (57%).

Na corrente de comércio (US\$ 30 bilhões), em 2016 observou-se fluxo 33% menor que em 2014, em consonância com o desempenho nacional, que apresentou queda de 29%.

**Tabela 1**

Exportações (por Fator Agregado) / Importações (por Categoria de Uso) - 2016 - em US\$ bilhões						
Aberturas do Comércio Exterior:	Brasil	Participação Fluminense no Total Brasil (%)	Rio de Janeiro	Participação no Total Rio de Janeiro (%)	Variação 2016/2014 (%)	
					Rio de Janeiro	Brasil
<b>Exportações</b>	<b>185,2</b>	<b>9,3</b>	<b>17,2</b>	<b>100,0</b>	<b>-24,0</b>	<b>-17,7</b>
Industrializados	101,9	8,5	8,7	50,5	1,3	-6,8
Manufaturados	73,9	10,3	7,6	44,2	16,1	-7,8
Semimanufaturados	28,0	3,9	1,1	6,4	-46,2	-3,8
Básicos	79,2	10,1	8	46,7	-38,7	-27,7
Operações Especiais	4,2	11,2	0,5	2,7	-49,9	-33,1
<b>Importações</b>	<b>137,4</b>	<b>9,1</b>	<b>12,6</b>	<b>100,0</b>	<b>-42,1</b>	<b>-40,0</b>
Bens Industriais	103,3	8,6	8,9	70,5	-24,9	-33,9
Bens Intermediários e matéria-prima	84,9	8,4	7,1	56,9	-19,3	-33,1
Bens de Capital	18,4	9,3	1,7	13,6	-41,7	-37,8
Combustíveis e lubrificantes	12,4	15,4	1,9	15,2	-72,8	-68,6
Bens de Consumo	21,7	7,8	1,7	13,5	-37,2	-34,4
Bens de Consumo não duráveis	17,3	3,3	0,6	9,0	-30,7	-23,7
Bens de Consumo duráveis	4,4	25,4	1,1	4,5	-47,1	-57,5
<b>Saldo Comercial</b>	<b>47,8</b>	<b>-</b>	<b>4,6</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Corrente de Comércio</b>	<b>323</b>	<b>9,2</b>	<b>30</b>	<b>-</b>	<b>-32,6</b>	<b>-28,9</b>

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados Funcex e Secex/MDIC. (-) Valores Nulos

As tabelas seguintes detalham as exportações e importações do Estado do Rio de Janeiro segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). Entre as exportações fluminenses, a indústria de Petróleo e Gás Natural (US\$ 8 bilhões) se manteve como o principal setor exportador (48% do total), mesmo com a queda de 38% na receita frente a 2014.

Já na indústria da transformação, o principal segmento exportador foi o de Equipamentos de Transporte, exceto Veículos Automotores (US\$ 3,3 bilhões), com 20% de participação nas vendas externas do estado. Essa indústria envolve a construção de embarcações e estruturas flutuantes, a fabricação de veículos ferroviários, aeronaves, motocicletas, bicicletas e outros equipamentos de transporte, bem como suas partes e peças. Em seguida, sobressaiu-se na pauta a indústria da Metalurgia (US\$ 2,2 bilhões), responsável por 13% das exportações do estado.

Além das exportações de Equipamentos de Transporte, que avançaram 64%, outros 8 segmentos dos 30 analisados registraram crescimento nas vendas externas, como Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias e Máquinas e Equipamentos.

Por sua vez, as importações fluminenses apresentaram queda em todos os segmentos, exceto no de Equipamentos de Transporte, que representou 23% da pauta importadora, e nos Produtos de Madeira. Destacaram-se ainda na pauta importadora as compras de Produtos Químicos (US\$ 1,9 bilhão, 15% da pauta), Máquinas e Equipamentos (US\$ 1,1 bilhão) e Petróleo e Gás Natural (US\$ 1,1 bilhão).

Tabela 2

Exportação do Estado do Rio de Janeiro por setor CNAE 2.0 - 2016 (em US\$ milhões)			
Setor CNAE	Valor	Participação (%)	Variação 2016/2014 (%)
Petróleo e Gás Natural	7.972,5	47,7	-38,4
Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	3.292,8	19,7	63,8
Metalurgia	2.155,3	12,9	-24,0
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	843,9	5,0	7,3
Máquinas e Equipamentos	744,6	4,5	45,1
Produtos Químicos	463,0	2,8	-11,9
Produtos de Borracha e de Material Plástico	367,0	2,2	-11,6
Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	230,8	1,4	-72,3
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	144,7	0,9	16,3
Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	90,8	0,5	-27,8
Produtos Diversos	88,9	0,5	-33,2
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	56,2	0,3	-30,6
Produtos de Minerais Não Metálicos	54,7	0,3	-25,7
Celulose, Papel e Produtos de Papel	46,3	0,3	-16,8
Produtos Alimentícios	45,6	0,3	-95,1
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	29,0	0,2	-14,3
Minerais Metálicos	28,6	0,2	-70,6
Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados	16,0	0,1	-54,0
Produtos Têxteis	15,7	0,1	4,0
Artigos do Vestuário e Acessórios	12,6	0,1	-28,5
Minerais Não Metálicos	7,7	0,0	-22,6
Bebidas	6,2	0,0	-39,9
Impressão e Reprodução de Gravações	3,7	0,0	12,5
Couros e Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	2,9	0,0	-20,6
Pesca e Aquicultura	1,7	0,0	*
Móveis	0,9	0,0	-57,6
Produtos de Madeira	0,6	0,0	9,6
Produção Florestal	0,1	0,0	197,2
Carvão Mineral	0	0,0	-98,3
Produtos do Fumo	-	0,0	-100
<b>Total<sup>1</sup></b>	<b>16.722,9</b>	<b>100,0</b>	<b>-26,1</b>

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (\*) Variações acima de 1.000%

<sup>1</sup> O total de Indústrias CNAE 2.0 não contabilizou as Operações Especiais (US\$ 469 milhões).

Tabela 3

Importação do Estado do Rio de Janeiro por setor CNAE 2.0 - 2016 (em US\$ milhões)			
Setor CNAE	Valor	Participação (%)	Variação 2016/2014 (%)
Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	2.826,2	22,5	20,3
Produtos Químicos	1.897,7	15,1	-27,3
Máquinas e Equipamentos	1.095,0	8,7	-49,0
Petróleo e Gás Natural	1.082,3	8,6	-81,3
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	871,0	6,9	-36,0
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	820,6	6,5	-16,2
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	627,8	5,0	-49,4
Metalurgia	604,8	4,8	-17,6
Carvão Mineral	430,7	3,4	-23,2
Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	402,7	3,2	-41,8
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	337,7	2,7	-32,9
Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	288,2	2,3	-55,5
Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados	232,2	1,9	-21,7
Produtos Alimentícios	225,9	1,8	-32,7
Produtos Diversos	209,6	1,7	-35,4
Produtos de Borracha e de Material Plástico	171,6	1,4	-37,2
Produtos Têxteis	84,3	0,7	-28,6
Pesca e Aquicultura	77,0	0,6	-9,1
Produtos de Minerais Não Metálicos	60,9	0,5	-47,6
Bebidas	43,2	0,3	-53,6
Celulose, Papel e Produtos de Papel	35,0	0,3	-59,3
Artigos do Vestuário e Acessórios	30,2	0,2	-66,3
Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	23,5	0,2	-48,0
Móveis	20,6	0,2	-40,0
Impressão e Reprodução de Gravações	15,4	0,1	-21,4
Minerais Não Metálicos	12,1	0,1	-35,8
Produção Florestal	7,7	0,1	-27,0
Produtos de Madeira	7,1	0,1	57,1
Minerais Metálicos	4,3	0,0	-1,5
Produtos do Fumo	-	0,0	-100
<b>Total</b>	<b>12.545</b>	<b>100,0</b>	<b>-42,1</b>

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (\*) Variações acima de 1.000%

Ao considerar o peso do setor de petróleo na balança comercial do estado, destacamos esse produto da pauta e apresentamos, nas Tabelas 4 a 5, os principais parceiros comerciais no comércio exterior de óleos brutos de petróleo.

No comércio exterior de petróleo, houve recuo de 38% da receita de exportação (US\$ 8 bilhões), sobretudo devido ao preço do barril de petróleo, que chegou a atingir valor abaixo de US\$ 30/barril. Em contrapartida, em termos de quantidade, o Rio exportou volume recorde de petróleo bruto (231 milhões de barris), 53% a mais que em 2014. Os principais destinos foram China (41%), Estados Unidos (12%) e Chile (12%).

Na importação de petróleo, também houve recuo de 73% no dispêndio com a aquisição externa de óleos brutos de petróleo, originados da Arábia Saudita (88%) e Iraque (12%).

**Tabela 4**

Exportações Fluminenses de Óleos Brutos de Petróleo segundo Principais Países de Destino					
Países	Valor (US\$ milhões)		Participação (%)		Variação 2016/2014 (%)
	2016	2014	2016	2014	
China	3.244	3.204	40,8	24,8	1,3
Estados Unidos	980	1.919	12,3	14,8	-48,9
Chile	967	1.947	12,2	15,0	-50,3
Uruguai	583	623	7,3	4,8	-6,5
Índia	575	2.107	7,2	16,3	-72,7
Espanha	411	329	5,2	2,5	-25,0
Santa Lúcia	336	1.103	4,2	8,7	-70,0
Países Baixos	178	267	2,2	2,1	-33,5
Taiwan (Formosa)	166	-	2,1	0,0	-
Bahamas	152	435	1,9	3,4	-64,9
<b>Total</b>	<b>7.955</b>	<b>12.945</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-38,5</b>

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados Funcex e Secex/MDIC.

**Tabela 5**

Importações Fluminenses de Óleos Brutos de Petróleo segundo Principais Países de Destino					
Países	Valor (US\$ milhões)		Participação (%)		Variação 2016/2014 (%)
	2016	2014	2016	2014	
Arábia Saudita	885	2.653	88,5	71,8	-66,6
Iraque	115	1.041	11,5	28,2	-89,0
<b>Total</b>	<b>999</b>	<b>3.694</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-72,9</b>

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados Funcex e Secex/MDIC.



Já as tabelas seguintes apresentam os principais destinos das exportações e as origens das importações do Rio, excluído o comércio de petróleo (exportações exclusive petróleo).

Em 2016, os Países Baixos foram o principal destino das exportações fluminenses exclusive petróleo. A pauta exportadora para esse país (US\$ 2 bilhões) foi composta, principalmente, por plataformas flutuantes, com participação de 47%, e por tubos flexíveis de ferro e aço (30%), cujas vendas externas aumentaram 51% em relação a 2014. Também tiveram destaque as exportações para Singapura (US\$ 1,6 bilhão), segundo principal destino dos produtos fluminenses, sobretudo em virtude das exportações de plataformas flutuantes (93% da pauta para o país). Vale mencionar que tais vendas são consideradas operações de exportação ficta<sup>2</sup>.

Além disso, as vendas do setor automotivo para os países latino-americanos impulsionaram o crescimento de exportações em 17% para Argentina (US\$ 962 milhões), 80% para o México (US\$ 181 milhões) e 6% para o Chile (US\$ 136 milhões).

Em relação à importação exceto petróleo, os Estados Unidos foram o principal parceiro do Rio nas compras externas do estado (US\$ 3,7 bilhões), com destaque para as importações de partes de motores e turbinas para aviação, que representaram 46% da pauta de origem norte-americana. O segundo fornecedor fluminense em 2016 foi a China (US\$ 1,5 bilhão), que se destacou pelas encomendas de plataformas de petróleo (42% do total importado). Também se sobressaíram as importações originadas da Alemanha (US\$ 1,1 bilhão), que apesar da redução de 15% no comparativo com 2014, houve grande incremento na compra de compostos heterocíclicos (87%) e turbinas a vapor (acima de 1.000%).

---

<sup>2</sup> Exportação ficta é a operação que consiste no despacho aduaneiro de exportação e o consequente despacho aduaneiro de importação de mercadoria sem saída do país, isto é, uma operação de venda externa destinada ao próprio território brasileiro em casos especiais determinados por lei.

Tabela 6

Exportações do Estado do Rio de Janeiro exclusive petróleo segundo Principais Países de Destino e seus Produtos Demandados - 2016				
Países selecionados e principais produtos exportados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Varição 2016/2014 (%)	Participação no total do estado (%)
<b>Países Baixos</b>	<b>1.975</b>	<b>100,0</b>	<b>92,9</b>	<b>6,4</b>
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	923	46,7	-	1,8
Tubos flexíveis, de ferro ou aço	596	30,2	50,6	1,4
Torneiras, válvulas e dispositivos semelhantes e partes	279	14,1	32,2	1,2
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>1.799</b>	<b>91,1</b>	<b>196,2</b>	<b>4,3</b>
<b>Singapura</b>	<b>1.642</b>	<b>100,0</b>	<b>2,4</b>	<b>9,6</b>
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	1.525	92,9	76,1	92,9
Óleos combustíveis (óleo diesel, "fuel-oil", e demais)	109	6,7	-74,0	6,7
Pneumáticos	1	0,1	-30,2	0,1
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>1.259</b>	<b>99,7</b>	<b>26,9</b>	<b>99,7</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>1.259</b>	<b>100,0</b>	<b>-41,3</b>	<b>7,3</b>
Produtos semimanufaturados de ferro ou aços	774	61,5	-54,0	61,5
Produtos laminados planos de ferro ou aços	200	15,9	98,0	15,9
Pneumáticos	42	3,3	2,7	3,3
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>1.016</b>	<b>80,7</b>	<b>-44,4</b>	<b>80,7</b>
<b>Argentina</b>	<b>962</b>	<b>100,0</b>	<b>16,9</b>	<b>5,6</b>
Automóveis de passageiros	511	53,1	17,7	53,1
Pneumáticos	61	6,4	21,0	6,4
Veículos de carga	56	5,8	7,2	5,8
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>629</b>	<b>65,3</b>	<b>17,0</b>	<b>65,3</b>
<b>Suíça</b>	<b>819</b>	<b>100,0</b>	<b>-29,8</b>	<b>4,8</b>
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	807	98,6	-27,7	98,6
Medicamentos para medicina humana e veterinária	3	0,4	118,9	0,4
Preparações e artigos farmacêuticos para cirurgia e para exames médicos	3	0,3	11,3	0,3
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>813</b>	<b>99,3</b>	<b>-27,4</b>	<b>99,3</b>
<b>China</b>	<b>526</b>	<b>100,0</b>	<b>227,3</b>	<b>3,1</b>
Centrifugadores e aparelhos para filtrar ou depurar	174	33,0	*	33,0
Aquecedor, secador ou trocador de calor, partes e peças	90	17,0	-	17,0
Polímeros de etileno, propileno e estireno	39	7,4	303,9	7,4
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>302</b>	<b>57,4</b>	<b>-</b>	<b>57,4</b>
<b>Alemanha</b>	<b>221</b>	<b>100,0</b>	<b>-21,2</b>	<b>1,3</b>
Produtos semimanufaturados de ferro ou aços	197	89,2	-16,6	89,0
Chapas e filmes fotográficos, não impressionados	3	1,4	-60,1	1,4
Produtos da destilação dos alcatrões e estireno	3	1,3	-68,9	1,3
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>203</b>	<b>91,9</b>	<b>-19,8</b>	<b>91,7</b>

## continuação

<b>México</b>	<b>181</b>	<b>100,0</b>	<b>80,1</b>	<b>1,1</b>
Pneumáticos	34	18,7	76,0	18,7
Motores para veículos automotivos e suas partes	33	18,3	352,1	18,3
Produtos laminados planos de ferro ou aços	14	7,9	113,7	7,9
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>81</b>	<b>44,9</b>	<b>144,3</b>	<b>44,9</b>
<b>Chile</b>	<b>136</b>	<b>100,0</b>	<b>6,1</b>	<b>0,8</b>
Pneumáticos	22	16,2	16,0	16,2
Veículos de carga	18	13,5	52,6	13,5
Automóveis de passageiros	17	12,8	-	12,8
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>58</b>	<b>42,5</b>	<b>86,3</b>	<b>42,5</b>
<b>Colômbia</b>	<b>109</b>	<b>100,0</b>	<b>1,2</b>	<b>0,6</b>
Óleos brutos de petróleo	36	33,3	6,4	33,0
Produtos laminados planos de ferro ou aços	16	14,5	56,9	14,5
Pneumáticos	13	12,0	44,4	12,0
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>65</b>	<b>59,8</b>	<b>22,4</b>	<b>59,7</b>

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados Funcex e Secex/MDIC. (-) Valores Nulos (\*) Variação acima de 1.000%

## Tabela 7

Importações do Estado do Rio de Janeiro exclusive petróleo segundo Principais Países de Origem e seus Produtos Demandados - 2016				
Países selecionados e principais produtos importados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Variação 2016/2014 (%)	Participação no total do estado (%)
<b>Estados Unidos</b>	<b>3.660</b>	<b>100,0</b>	<b>-11,7</b>	<b>29,2</b>
Partes de motores e turbinas para aviação	1.692	46,2	50,5	13,5
Rolamentos e engrenagens, suas partes e peças	173	4,7	34,8	1,4
Óleos lubrificantes	152	4,2	-30,9	1,2
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>2.017</b>	<b>55,1</b>	<b>37,0</b>	<b>16,1</b>
<b>China</b>	<b>1.473</b>	<b>100,0</b>	<b>-30,6</b>	<b>11,7</b>
Plataformas de perfuração ou de exportação, dragas e demais flutuantes	626	42,5	65,1	5,0
Coques e semicoques, de hulha, de linhita ou de turfa, mesmo aglomerados; Carvão de retorta	76	5,2	-23,4	0,6
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	64	4,3	62,1	0,5
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>766</b>	<b>52,0</b>	<b>47,9</b>	<b>6,1</b>
<b>Alemanha</b>	<b>1.070</b>	<b>100,0</b>	<b>-15,1</b>	<b>8,5</b>
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	304	28,4	87,0	2,4
Medicamentos para medicina humana e veterinária	73	6,8	-20,2	0,6
Turbina a vapor e suas partes	72	6,8	*	0,6
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>449</b>	<b>42</b>	<b>76,5</b>	<b>3,6</b>

continuação

Países selecionados e principais produtos importados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Variação 2016/2014 (%)	Participação no total do estado (%)
<b>França</b>	<b>802</b>	<b>100,0</b>	<b>-16,5</b>	<b>6,4</b>
Partes e peças para veículos, automóveis e tratores	85	10,7	-11,7	0,7
Partes de motores e turbinas para aviação	64	7,9	16,8	0,5
Medicamentos para medicina humana e veterinária	62	7,7	-17,7	0,5
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>211</b>	<b>26,3</b>	<b>-6,8</b>	<b>1,7</b>
<b>México</b>	<b>501</b>	<b>100,0</b>	<b>-28,2</b>	<b>4,0</b>
Automóveis de passageiros	295	58,9	-33,5	2,4
Partes e peças para veículos, automóveis e tratores	37	7,4	-13,5	0,3
Produtos de perfumaria, de toucador e preparações cosméticas	22	4,4	-27,2	0,2
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>354</b>	<b>70,6</b>	<b>-31,5</b>	<b>2,8</b>
<b>Reino Unido</b>	<b>379</b>	<b>100,0</b>	<b>-52,4</b>	<b>3,0</b>
Automóveis de passageiros	95	24,9	-61,1	0,8
Medicamentos para medicina humana e veterinária	31	8,1	-23,6	0,2
Partes e peças para veículos, automóveis e tratores	21	5,7	*	0,2
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>147</b>	<b>38,7</b>	<b>-49,5</b>	<b>1,2</b>
<b>Suíça</b>	<b>501</b>	<b>100,0</b>	<b>8,5</b>	<b>4,0</b>
Composto de funções nitrogenadas	245	73	92,9	2,0
Tintas de Impressão	18	5,3	-7,7	0,1
Medicamentos para medicina humana e veterinária	17	5,1	-71,3	0,1
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>280</b>	<b>83,4</b>	<b>4,6</b>	<b>2,2</b>
<b>Argentina</b>	<b>334</b>	<b>100,0</b>	<b>-44,9</b>	<b>2,7</b>
Automóveis de passageiros	83	25,0	-53,1	0,7
Trigo em grãos	73	21,9	16,2	0,6
Polímeros de etieno, propileno e estireno	31	9,2	-24,0	0,2
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>188</b>	<b>56,1</b>	<b>-33,4</b>	<b>1,5</b>
<b>Bélgica</b>	<b>278</b>	<b>100,0</b>	<b>-34,9</b>	<b>2,2</b>
Medicamentos para medicina humana e veterinária	232	83,3	-6,7	1,8
Chapas e filmes fotográficos, não impressionados	8	3,0	-48,6	0,1
Aditivos para óleos lubrificantes	7	2,5	31,3	0,1
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>247</b>	<b>88,8</b>	<b>-24,1</b>	<b>2,0</b>
<b>Chile</b>	<b>254</b>	<b>100,0</b>	<b>-10,1</b>	<b>2,0</b>
Catodos de cobre e seus elementos	130	50,7	19,0	1,0
Salmão-do-Pacífico, salmão-do-atlântico, outros peixes refrigerados, exceto filés	77	29,9	-8,9	0,6
Coques e semicoques, de hulha, de linhita ou de turfa, mesmo aglomerados; Carvão de retorta	11	4,4	-62,6	0,1
<b>Total de produtos selecionados</b>	<b>218</b>	<b>85,1</b>	<b>-53,5</b>	<b>1,7</b>

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados Funcex e Secex/MDIC. (-) Valores Nulos (\*) Variação acima de 1.000%

Finalmente, as Tabelas 8 e 9 apresentam as exportações e importações do Estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos<sup>3</sup>. Destacaram-se as exportações para os países da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi), que somaram US\$ 3,4 bilhões e responderam por 20% das vendas externas do Rio de Janeiro. A União Europeia foi o destino de 19% das exportações do Rio (US\$ 3,3 bilhões). Vale mencionar que houve incremento de 13% nas vendas para a UE, causadas em especial pelo avanço das exportações para os Países Baixos. Outro bloco de destaque como parceiro das exportações foi o Nafta (US\$ 2,4 bilhões).

Nas importações, o Nafta, em especial os Estados Unidos, foi o maior bloco fornecedor de produtos importados pelo estado do Rio (US\$ 4,4 bilhões), 35% da pauta. A União Europeia, por sua vez, foi origem de 26% das compras fluminenses (US\$ 3,3 bilhões). Já a Aladi foi responsável, em 2016, por 10% das importações do Rio de Janeiro (US\$ 1,3 bilhão).

**Tabela 8**

Exportações do Estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos selecionados em 2016			
Blocos Econômicos	Valor (US\$ milhões)	Variação 2016/2014 (%)	Participação no total do Rio de Janeiro (%)
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)	3.417	-20,7	19,9
União Europeia (UE)	3.260	12,7	19,0
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	2.436	-42,2	14,2
Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	1.720	-1,0	10,0
Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)	1.694	-0,3	9,9
Aliança do Pacífico	1.591	-34,8	9,3
Associação Europeia de Livre Comércio (AELC)	823	-30,6	4,8
Comunidade do Caribe (CARICOM)	515	-68,8	3,0
Comunidade Andina das Nações (CAN)	383	17,0	2,2
Sistema de Integração Centro-Americano (SICA)	76	11,8	0,4

Fonte: Secex/MDIC.

**<sup>3</sup> COMPOSIÇÃO DOS BLOCOS:**

**NAFTA:** EUA, Canadá e México.

**UE:** Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia.

**ALADI:** Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

**Aliança do Pacífico:** Chile, México, Colômbia e Peru.

**MERCOSUL:** Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

**CARICOM:** Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, Montserrat, São Cristóvão e Neves, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago.

**CAN:** Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.

**ASEAN:** Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Singapura, Tailândia, Vietnã

**AELC:** Liechtenstein, Noruega, Suíça e Islândia.

**CCG:** Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Omã.

**ECOWAS:** Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

**SICA:** Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Belize e República Dominicana.

**Tabela 9**

Importações do Estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos selecionados em 2016			
Blocos Econômicos	Valor (US\$ milhões)	Variação 2016/2014 (%)	Participação no total do Rio de Janeiro (%)
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	4.375	-15,1	34,9
União Europeia (UE)	3.355	-34,2	26,7
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)	1.308	-33,6	10,4
Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)	896	-66,7	7,1
Aliança do Pacífico	892	-22,2	7,1
Associação Europeia de Livre Comércio (AELC)	417	-41,5	3,3
Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	364	-52,1	2,9
Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)	230	-54,7	1,8
Comunidade Andina das Nações (CAN)	135	-18,1	1,1
Comunidade Econômica dos Países da África Ocidental (ECOWAS)	61	-89,6	0,5

Fonte: Secex/MDIC.

## Parte II - Comércio Exterior de Serviços<sup>4</sup>

O Brasil adquiriu US\$ 44 bilhões de serviços do exterior (importação), mais do que o dobro do total de serviços exportados (US\$ 19 bilhões) em 2016. Assim, o saldo foi deficitário em US\$ 25 bilhões. Vale registrar que o fluxo do comércio de serviços em 2016 (US\$ 62 bilhões) caiu 10% em relação ao último Diagnóstico, quando movimentou US\$ 69 bilhões.

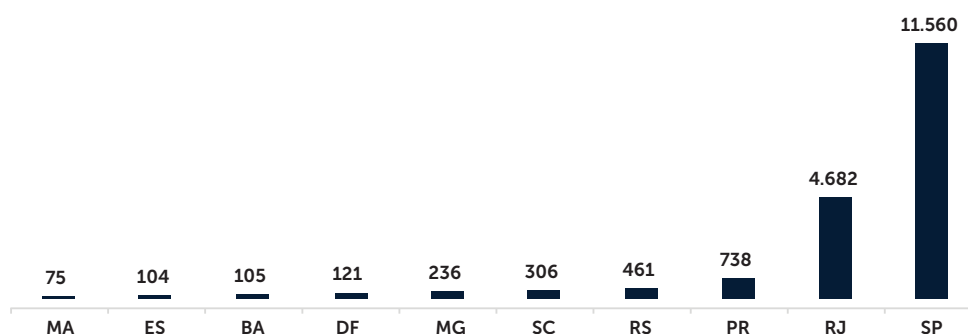
Tabela 10

Balança Comercial Brasileira de Serviços (US\$ bilhões)			
	2016	2014	Variações (%)
Exportação de Serviços (Vendas)	18,6	20,8	-10,7
Importação de Serviços (Aquisição)	43,6	48,5	-10,2
Balança de Serviços	-25,0	-27,7	-
Corrente de Serviços	62,2	69,3	-10,4

Fonte: Sistema FIRJAN, com dados SCS/MDIC.

Nas exportações o Estado do Rio alcançou a segunda colocação, com 25% de participação, desempenho semelhante ao da última edição do Diagnóstico. Já São Paulo foi o primeiro exportador de serviços, com 62%. Por sua vez, nas importações, o Estado do Rio foi o principal comprador brasileiro (50%), seguido por São Paulo (39%).

Gráfico 4: Principais Estados Brasileiros Exportadores de Serviços (em US\$ milhões)



Fonte: Sistema FIRJAN, com dados SCS/MDIC.

<sup>4</sup> Os dados obtidos a partir do Siscoserv são de caráter declaratório por parte das pessoas físicas e empresas que efetuam o registro no Sistema. Os registros no Sistema estão sujeitos à retificação por parte dos declarantes. Os dados contemplam venda e aquisição de serviços e intangíveis nos seguintes modos:

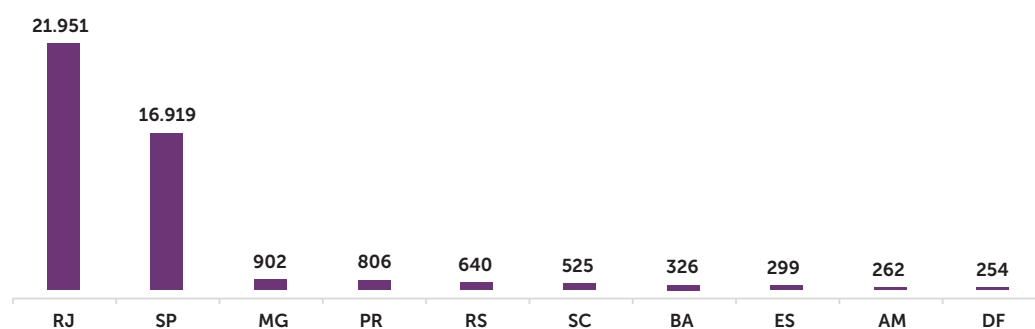
Modo 1: Comércio transfronteiriço

Modo 2: Consumo no exterior

Modo 4: Movimento temporário de pessoas físicas

O registro referente ao Modo 3 (Presença Comercial no Exterior) captura as receitas referentes ao ano anterior das filiais, sucursais e controladas de empresas brasileiras, e possui prazo para declaração até 30 de junho do ano corrente. Portanto, neste momento, a atual divulgação de dados não contempla essas informações, que são publicadas posteriormente pelo governo.

## Gráfico 5: Principais Estados Brasileiros Importadores de Serviços (em US\$ milhões)



Fonte: Sistema FIRJAN, com dados SCS/MDIC.

Especificamente no Rio de Janeiro, as vendas externas de serviços foram compostas, sobretudo, por serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social (US\$ 646 milhões, 14%), serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos (US\$ 553 milhões, 12%) e serviços de resseguros e de retrocessão (US\$ 480 milhões, 10%). Já nas importações, as compras se concentraram em serviços de arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador, que representaram 73% do total, o equivalente a US\$ 16 bilhões. O segundo principal serviço adquirido do exterior foi transporte aquaviário de cargas (6%, US\$ 1,4 bilhão).

Tabela 11

Exportação (Vendas) de Serviços segundo Principais Serviços - 2016		
Serviços	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)
<b>Exportações</b>	<b>4.682</b>	<b>100,0</b>
1.1401 - Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	646	13,8
1.2001 - Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos	553	11,8
1.0904 - Serviços de resseguros e de retrocessão	480	10,2
1.0905 - Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	420	9,0
1.1409 - Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	417	8,9
Demais	2.167	46,3

Fonte: Sistema FIRJAN com dados SCS/MDIC.



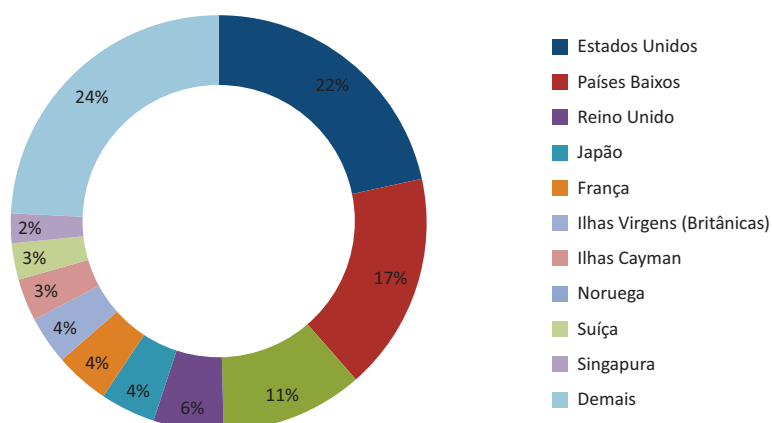
**Tabela 12**

Importação (Aquisição) de Serviços segundo Principais Serviços - 2016		
Serviços	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)
<b>Importações</b>	<b>21.951</b>	<b>100,0</b>
1.1101 - Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	15.986	72,8
1.0502 - Serviços de transporte aquaviário de cargas	1.413	6,4
1.1103 - Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	1.020	4,6
1.0904 - Serviços de resseguros e de retrocessão	722	3,3
1.1409 - Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	417	2,1
Demais	2.339	10,7

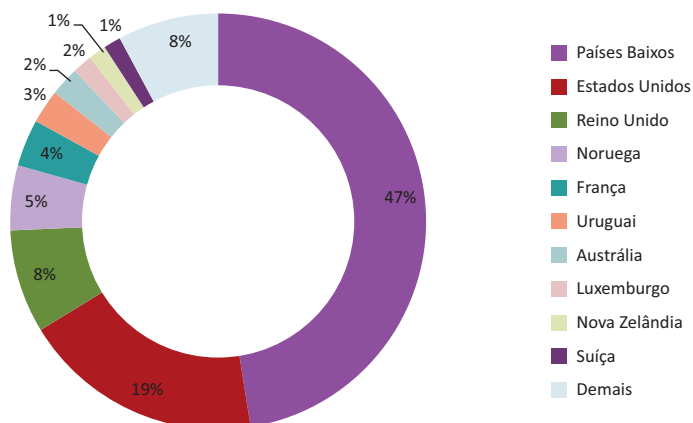
Fonte: Sistema FIRJAN com dados SCS/MDIC.

Em termos de parceiros comerciais, os Estados Unidos foram o principal destino dos serviços vendidos pelo Rio (US\$ 1 bilhão, 22%), seguidos dos Países Baixos (US\$ 794 milhões, 17%). Nas importações as colocações se invertem: a principal origem dos serviços adquiridos foram os Países Baixos (US\$ 10 bilhões, 47%), enquanto os EUA foram a segunda maior (US\$ 4 bilhões, 19%).

**Gráfico 6: Principais Destinos das Exportações (Vendas) Fluminenses de Serviços (participação %)**

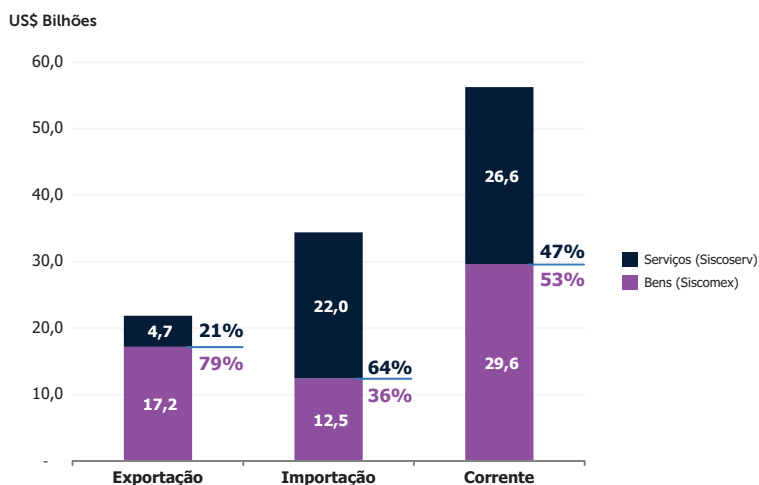


**Gráfico 7: Principais Origens das Importações (Aquisições) Fluminenses de Serviços (participação %)**



Em suma, o comércio exterior de bens e serviços do Rio de Janeiro movimentou cerca de US\$ 56,3 bilhões, conforme gráfico a seguir com dados do MDIC:

**Gráfico 8: Comércio Exterior do Rio de Janeiro - 2016**





**CARACTERIZAÇÃO DAS  
EMPRESAS PESQUISADAS**

## Seção II:

### **CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS PESQUISADAS**

Esta seção apresenta a caracterização das empresas respondentes ao Diagnóstico de Comércio Exterior do Estado do Rio de Janeiro e faz um paralelo com os resultados das últimas pesquisas realizadas. Foram listados os resultados por porte, setor de atividade, composição de capital, unidade no exterior e representação por região, além da utilização de serviços de despacho aduaneiro. Além disso, as empresas foram estratificadas segundo a prática de exportação e importação e principais países de origem e destino dos produtos.

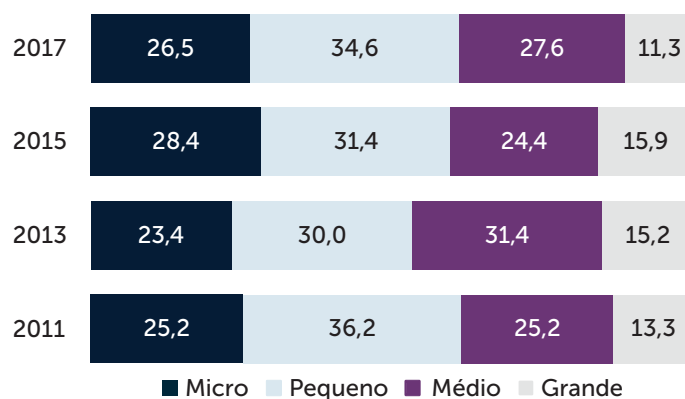
Dentre as empresas participantes, a maior parte das que atuam no comércio exterior fluminense é de micro e pequeno porte (61%). Em termos de divisão geográfica, as empresas se concentram na capital do Rio de Janeiro (64%) e na Baixada Fluminense (11%). A indústria foi o principal respondente do Diagnóstico, quando alcançou 69% em 2017. O setor de serviços representou 12% e comércio, 20%. A pesquisa atingiu 29 setores econômicos, com destaque para os setores de Alimentos e Bebidas, Farmacêuticos, Metalurgia Básica e Vestuário e Acessórios, principais respondentes da indústria da transformação.

Entre as empresas que exportam e importam, 75% indicaram que possuem capital exclusivamente nacional, recorde das edições do Diagnóstico, enquanto 21% indicaram possuir filial no exterior. Estados Unidos, França e México foram destaques entre os países indicados como base de suas unidades.

Em uma amostra de 362 empresas em 2017, número recorde de respondentes entre as quatro edições do Diagnóstico, 190 realizaram exportação (52%), menor participação das empresas na prática exportadora em todas as edições desta pesquisa. Por sua vez, 299 participantes responderam que importaram (83%), recorde entre os diagnósticos. Em 2017, das 362 empresas participantes, 63 só exportaram (17%), 172 apenas importaram (48%) e 127 realizaram as duas operações (35%). O principal parceiro do comércio exterior indicado pelas empresas fluminenses foram os Estados Unidos.

Por fim, nove em cada 10 empresas importadoras e exportadoras do Estado do Rio utilizam o serviço de despachantes aduaneiros nas suas operações.

**Gráfico 9: Perfil das Empresas por Porte (%)**

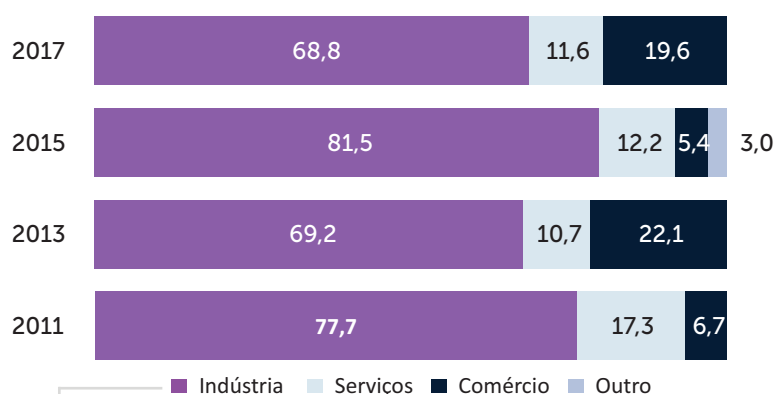


O Gráfico 9 apresenta o perfil das empresas por porte feita com base na seguinte classificação do IBGE:

- 1 a 19 empregados: Microempresa – 26,5%
- 20 a 99 empregados: Pequena Empresa – 34,6%
- 100 a 499 empregados: Média Empresa – 27,6%
- Mais de 500 empregados: Grande Empresa – 11,3%

Em 2017, os resultados foram semelhantes aos anos anteriores: seis em cada 10 empresas pesquisadas são de micro ou pequeno porte enquanto, as outras 4 são médias ou grandes empresas.

**Gráfico 10: Principais Setores de Atividade (%)**

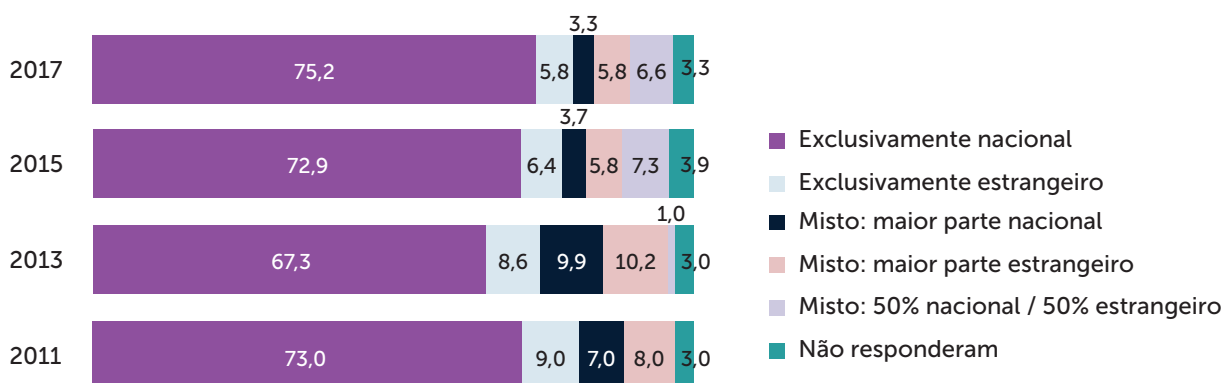


Indústria	2017	2015	2013	2011
Alimentos e Bebidas	7,5	5,8	4,0	6,3
Farmacêuticos	6,6	5,8	4,6	3,7
Metalurgia Básica	5,8	6,7	2,6	7,3
Vestuário e Acessórios	5,5	6,7	10,2	7,6
Produtos de Metal	4,7	4,3	4,0	6,0
Produtos Químicos	4,1	10,4	9,6	8,6
Construção Civil	4,1	3,0	3,0	1,3
Refino e Combustível Nuclear	3,3	4,0	0,3	1,3
Máq., Apar., Material Elétrico	3,0	0,9	2,0	2,7
Borracha e Plástico	2,8	6,4	3,6	5,3
Produtos Têxteis	2,2	5,5	2,3	5,3
Máquinas e Equipamentos	2,2	4,0	3,6	3,3
Edição e Impressão	2,2	2,4	4,0	4,7
Manut., Reparação e Instalação de Máq. e Equip.	1,9	0,6	0,0	0,0
Outros Equipamentos de Transporte	1,9	0,9	1,7	0,7
Papel e Celulose	1,9	0,6	0,3	1,0
Produtos Diversos	1,9	3,4	2,6	0,0
Minerais Não Metálicos	1,4	3,7	3,6	1,3
Material Eletr., Equip. Inf., Com. e Ópticos	1,4	1,8	0,3	0,7
Outro	4,1	4,6	6,9	10,6
<b>Total</b>	<b>68,8</b>	<b>81,5</b>	<b>69,2</b>	<b>77,7</b>

Assim como nos anos anteriores, o setor industrial foi o principal respondente do Diagnóstico (69%), apesar do recuo na participação da Indústria em relação a 2015, quando a Indústria havia alcançado 81%. Por sua vez, a participação do setor de Comércio evoluiu de 5% em 2015, para 20% em 2017. Já o setor de Serviços correspondeu a 12% dos correspondentes da pesquisa em 2017.

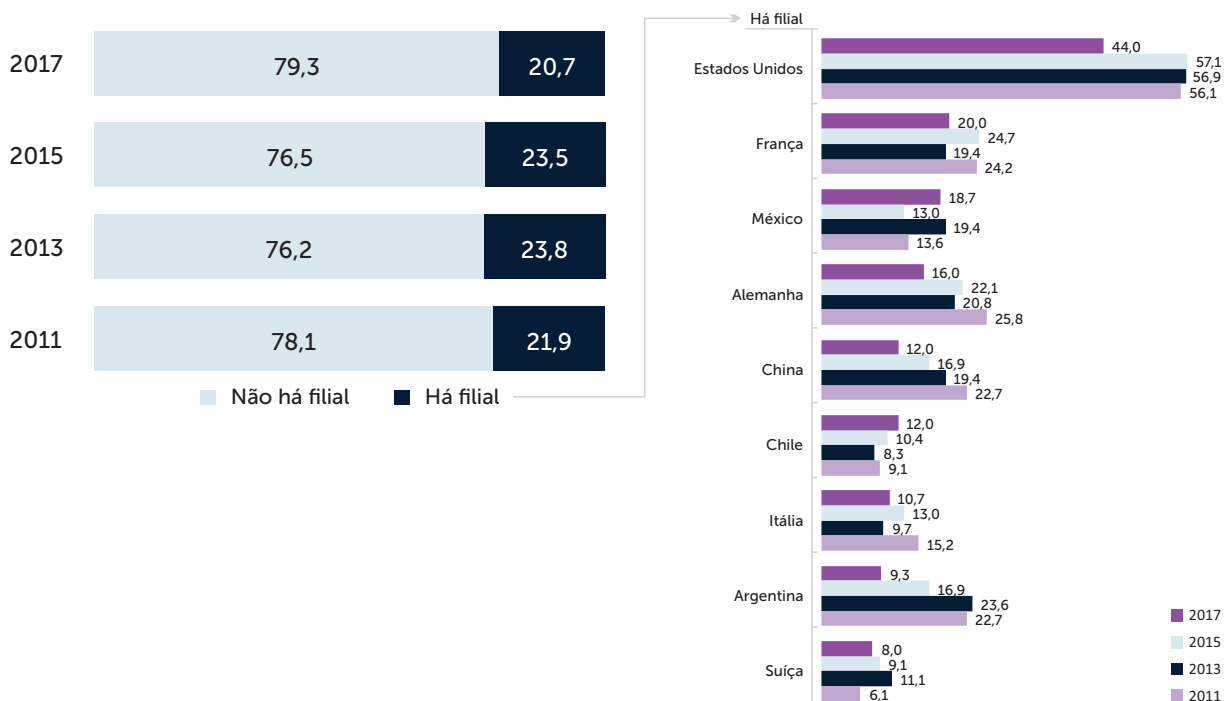
A tabela detalha as empresas da Indústria segundo setores da CNAE 2.0. Nesta edição de 2017, os setores de Alimentos e Bebidas (7%) e Produtos Farmacêuticos (7%) contribuíram de forma mais destacada. Contudo, a pesquisa atingiu 29 setores e alcançou ampla representatividade da indústria fluminense.

**Gráfico 11: Composição de Capital (%)**



Em 2017, 75% das empresas fluminenses que atuam no comércio exterior indicaram ter capital exclusivamente nacional, resultado semelhante às demais edições. Por outro lado, o percentual das empresas que alegam ter capital misto se reduziu, saindo de 21% em 2013 para 17% em 2015 e alcançando 15% em 2017. As empresas que indicaram composição de capital exclusivamente estrangeiro continuaram a ter participação de 6% dentre as respondentes em 2017.

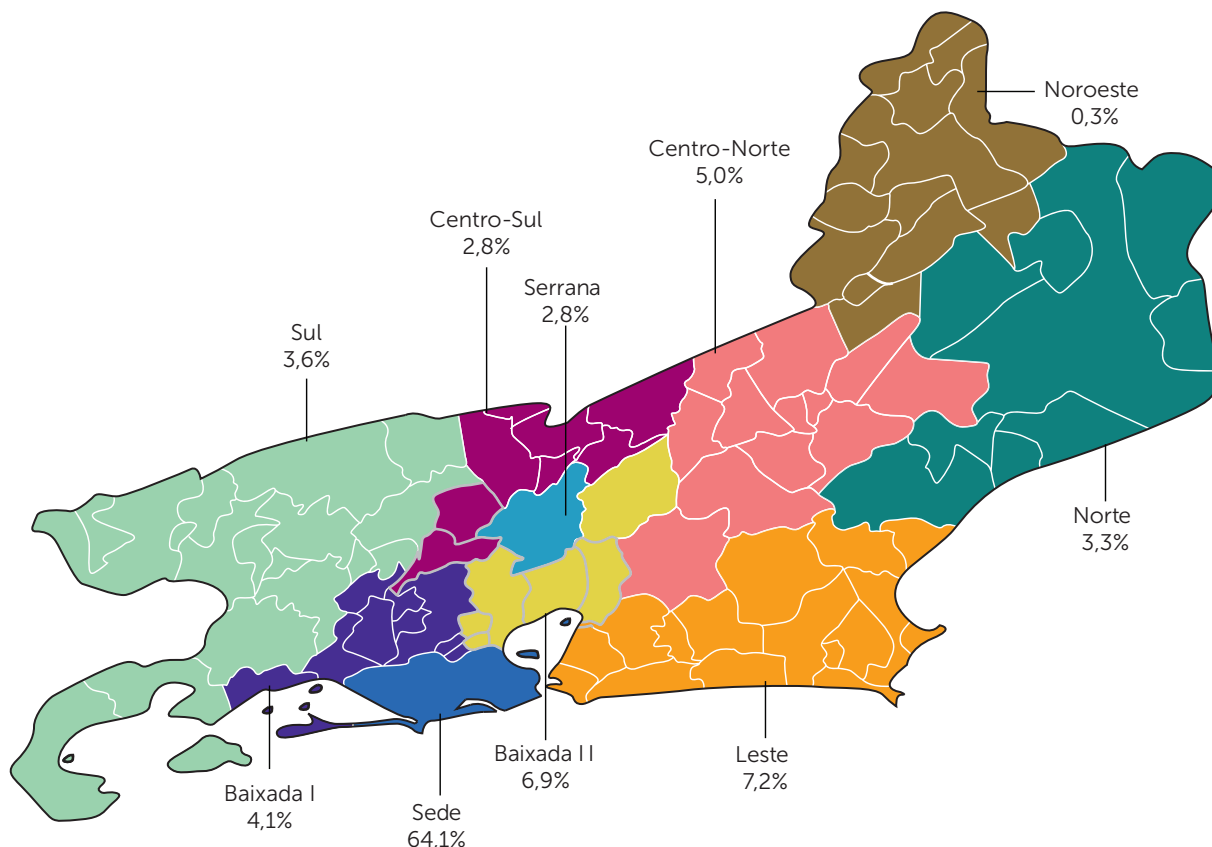
**Gráfico 12: Filial no Exterior (%)**



Nas quatro edições do Diagnóstico, as empresas mantiveram a proporção quanto à existência de filiais no exterior. Em 2017, 21% das respondentes declararam ter unidade fora do país. Estados Unidos, México, França e Alemanha continuaram a se destacar entre os indicados como bases de unidades no exterior. No entanto, Estados Unidos, China, Alemanha e, principalmente, Argentina apresentaram redução de citações entre 2017 e 2015.

Na 4ª Edição do Diagnóstico, 79% das empresas indicaram não ter filial no exterior.

**Figura 1: Representação Regional**



Este mapa mostra as empresas exportadoras e importadoras estratificadas de acordo com as regiões do Estado do Rio de Janeiro, segundo Representações Regionais do Sistema FIRJAN<sup>5</sup>. A grande concentração de empresas na capital do Rio de Janeiro se manteve em 2017, com 64% dos participantes do Diagnóstico. A Baixada Fluminense, áreas I e II, representaram juntas 11%. O Leste manteve sua participação de 7% no Diagnóstico, enquanto as empresas da Regional Centro-Norte somaram 5% dos respondentes.

**5 Municípios:**

**Noroeste Fluminense:** Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai.

**Norte Fluminense:** Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra.

**Centro-Norte Fluminense:** Bom Jardim, Cachoeiras de Macacu, Cantagalo, Carmo, Cordeiro, Duas Barras, Macuco, Nova Friburgo, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Sumidouro e Trajano de Moraes.

**Centro-Sul Fluminense:** Areal, Comendador Levy Gasparian, Paraíba do Sul, Miguel Pereira, Paty do Alferes, São José do Vale do Rio Preto, Sapucaia e Três Rios.

**Leste Fluminense:** Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Itaboraí, Maricá, Niterói, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Gonçalo, São Pedro da Aldeia, Saquarema, Silva Jardim e Tanguá.

**Serrana:** Petrópolis.

**Baixada Fluminense Área I:** Itaguaí, Japeri, Mangaratiba, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados e Seropédica.

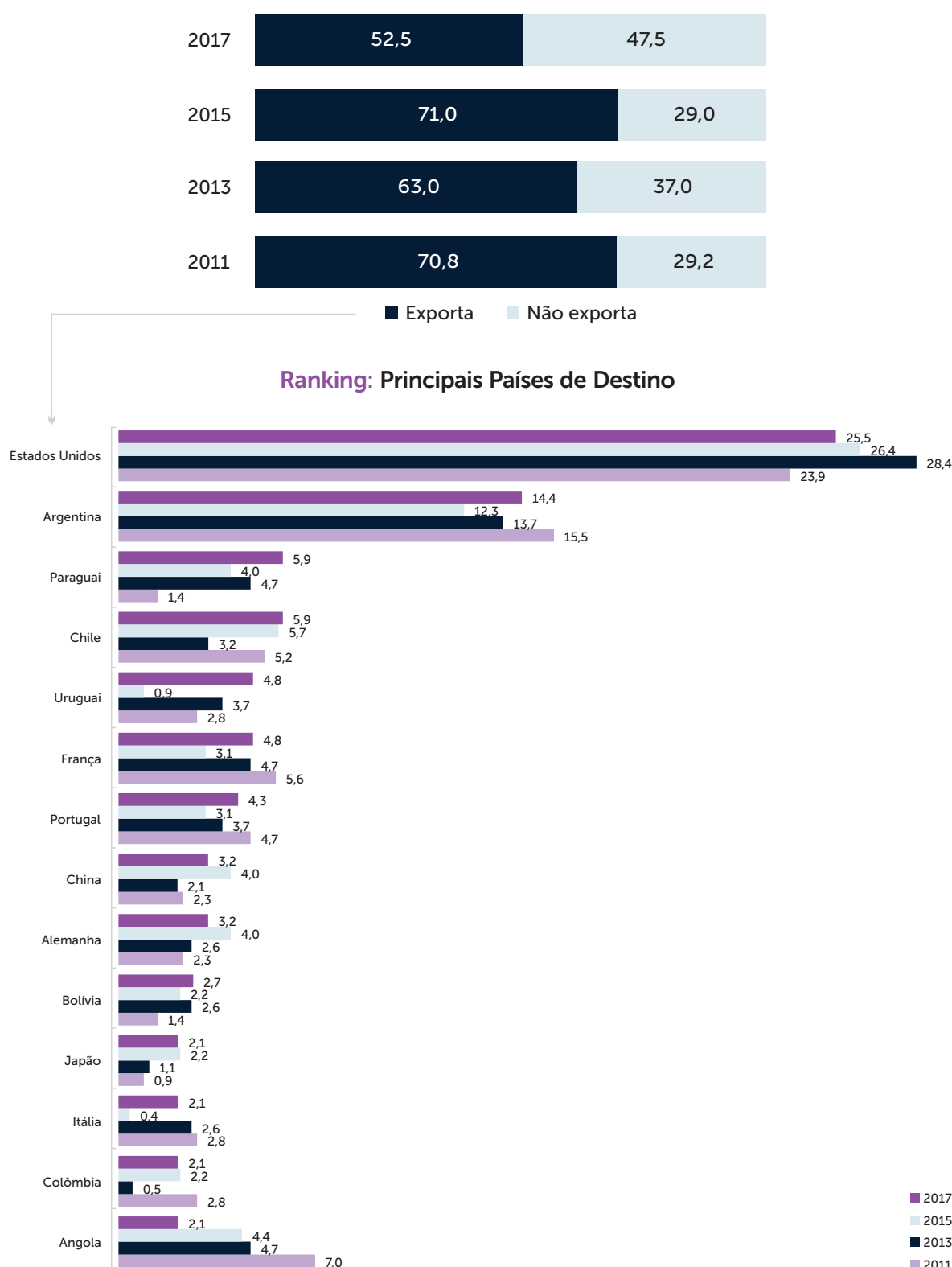
**Baixada Fluminense Área II:** Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé, São João de Meriti e Teresópolis.

**Sede:** Rio de Janeiro – Capital.

**Sul Fluminense:** Angra dos Reis, Barra do Pirai, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Itatiaia, Mendes, Paraty, Pinhal, Pirai, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro, Rio das Flores, Valença, Vassouras e Volta Redonda.



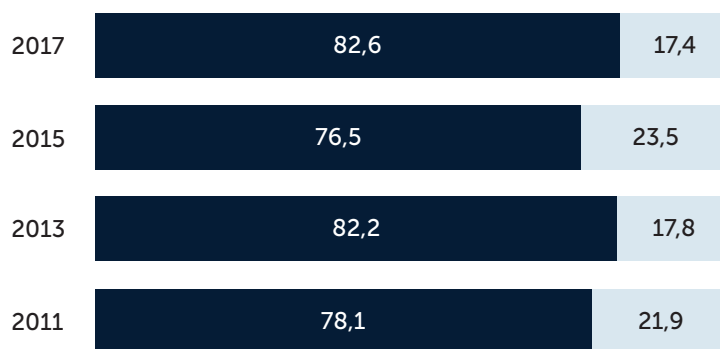
**Gráfico 13: Prática Exportadora (%) - A empresa realiza exportações?**



No Diagnóstico de 2017, em um universo de 362 respondentes, 52% das empresas realizaram exportações, a menor participação das exportadoras registrada na pesquisa. Entre os principais países de destino, Estados Unidos e Argentina se mantiveram como 1º e 2º mais citados nas quatro edições da pesquisa. Em 2017, Paraguai apresentou leve aumento e passou para a 3ª colocação, já Angola, que também tinha destaque entre os países, foi mencionada por apenas 2% das empresas como principal destino das exportações fluminenses.

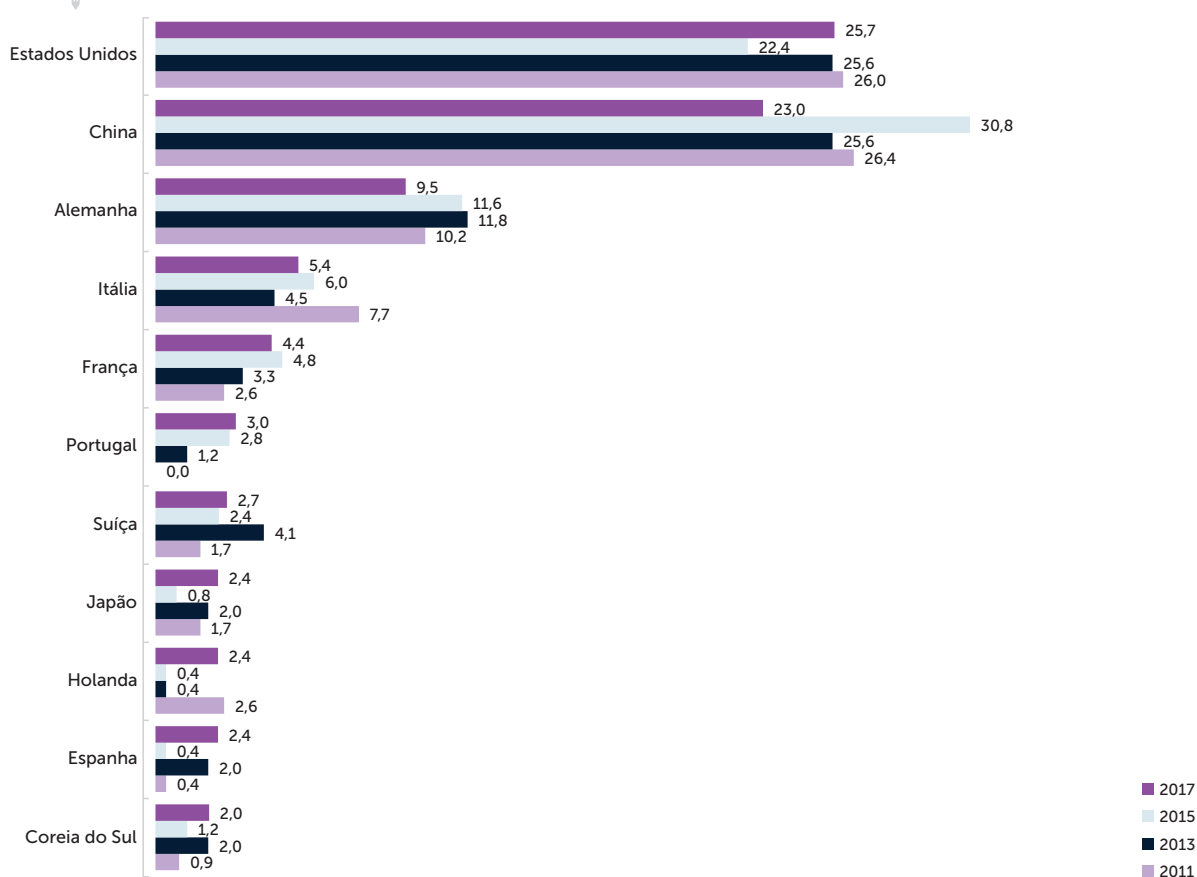
A indicação dos Estados Unidos como principal destino das exportações fluminenses no Diagnóstico coincide com dados estatísticos do estado, que apontaram para os EUA como um dos maiores parceiros das exportações do Rio de Janeiro. Além disso, cabe destacar a importância dos países da América Latina, que foram mencionados por 36% dos empresários fluminenses como principal mercado de destinos de exportação.

**Gráfico 14: Prática Importadora (%) - A empresa realiza importações?**



■ Importa    ■ Não importa

**Ranking: Principais Países de Origem**

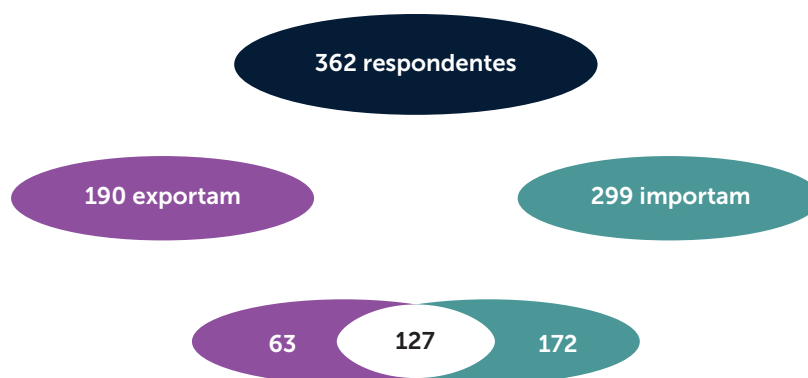


Com base na resposta de 362 empresas, 83% indicaram realizar importações, a maior participação percentual de importadoras dentre as edições da pesquisa. No Diagnóstico de 2015, a China havia sido o principal país de origem das importações (31%), seguida dos EUA (22%). Já em 2017, os Estados Unidos assumiram a liderança como maior origem das importações das empresas fluminenses (26%), enquanto 23% dos respondentes

mencionaram a China como maior parceiro de suas compras externas. Esse resultado está em consonância com as estatísticas do Rio, que apontam os EUA como principal origem das importações exceto petróleo, seguido da China.

Os Estados Unidos foram o principal parceiro das importações e exportações das empresas respondentes. No entanto, enquanto os países latino-americanos foram os outros destaques nas exportações, entre os países de origem das importações sobressaíram-se os asiáticos e europeus.

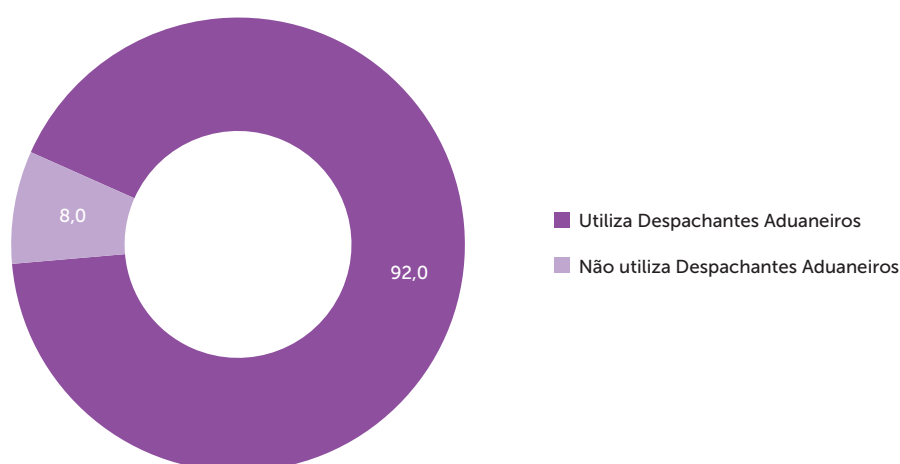
**Figura 2: Visão Geral das Respondentes**



A figura 2 compila o perfil das respondentes em relação às práticas exportadora e importadora.

Das 362 empresas entrevistadas, 299 realizam importações e 190 exportações. Dessa forma, em suma, 127 empresas tanto importam quanto exportam (35% das respondentes). A representatividade superior das importadoras está em consonância com os dados oficiais: em 2016, 1.170 empresas fluminenses exportaram e 2.749 importaram.

**Gráfico 15: Utilização dos Serviços de Despachantes Aduaneiros (%)**



As empresas fluminenses também foram questionadas quanto ao uso dos serviços de despachantes aduaneiros nas suas operações de comércio exterior e 92% das respondentes indicaram que os utilizam, resultado que se manteve idêntico ao da última edição do Diagnóstico de 2015.





# **PERFIL DAS EMPRESAS EXPORTADORAS**

## Seção III:

# PERFIL DAS EMPRESAS EXPORTADORAS

A Seção III apresenta o perfil das empresas exportadoras. As respostas descrevem tanto valores e questões operacionais, quanto entraves enfrentados pelas empresas na atividade exportadora e suas expectativas. Além disso, foi possível comparar alguns resultados com os Diagnósticos realizados em 2015, 2013 e 2011.

Na primeira parte, serão apresentados os resultados segundo frequência e principal forma de embarque das operações, valor total das exportações e participação no faturamento da empresa. O Diagnóstico também apresentará resultado das empresas quanto à utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais e os mecanismos de financiamento às exportações.

Entre as empresas respondentes desta seção (190 exportadoras), a maior parte (62%) exporta continuamente há pelo menos 5 anos sem interrupção e a principal forma de embarque é a marítima, mencionada por 46% das exportadoras, seguida da aérea (38%). Para uma em cada 3 empresas (35%), o valor total das exportações FOB é de até US\$ 99 mil. Em termos de faturamento, 45% das empresas indicaram que a participação das exportações é de até 10%.

Na segunda parte desta seção, as empresas citaram os principais entraves às exportações e indicaram quais devem ser tratados pelo governo com prioridade. Por fim, as empresas fizeram o exercício de indicar o crescimento em suas exportações caso os entraves fossem superados.

A percepção de dificuldades na exportação tem se reduzido ao longo dos últimos anos: em 2011, 84% das empresas sinalizaram encontrar entraves, percentual que se reduziu e chegou a 63%. Dentre as empresas que identificam dificuldades, a burocracia alfandegária ou aduaneira continuou como o obstáculo de maior impacto nas exportações fluminenses (46%), que também foi apontado como principal entrave que o Governo deveria combater.

As empresas detalharam seus processos e indicaram o desembaraço aduaneiro como o que mais afeta negativamente suas exportações. Nas operações portuárias e aeroportuárias, o principal problema indicado foi a atuação dos órgãos anuentes do porto, seguido da menção às greves, citada por 21% das empresas. Dentre os órgãos que mais afetam a competitividade das empresas, a Receita Federal do Brasil foi citada por 72% dos respondentes que identificaram dificuldades específicas com um órgão anuente. Além disso, mesmo com a percepção de dificuldades em relação a países particulares ter caído de 42% em 2015 para 28% em 2017, a Argentina continuou a ser o país com o qual as empresas encontraram mais problemas no processo de exportação.

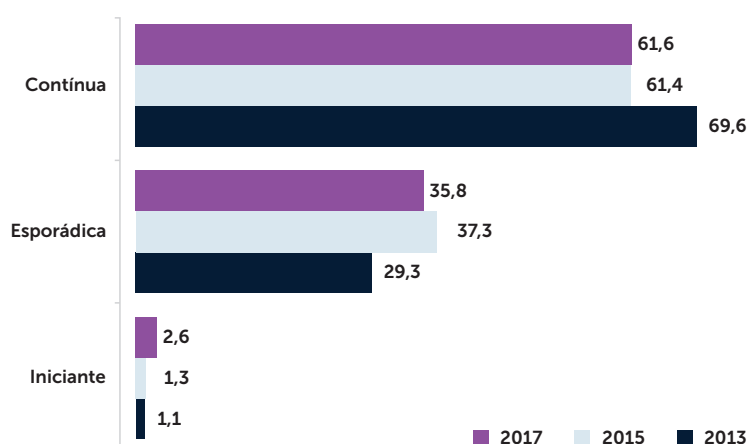
Apesar da premissa mundialmente aceita de que as exportações devem ser desoneradas de tributos, uma em cada 3 empresas fluminenses indicou que os impostos afetam sua competitividade e o ICMS foi o principal deles.

Diante de tantas dificuldades, a grande maioria (75%) das empresas indicou possível incremento em suas exportações caso as dificuldades mencionadas fossem superadas: grande parte (47%) estimou crescimento de até 30%.

É válido ressaltar que, devido a alterações metodológicas nas edições do Diagnóstico, alguns dos resultados não puderam ser comparados com toda a série histórica<sup>6</sup>.

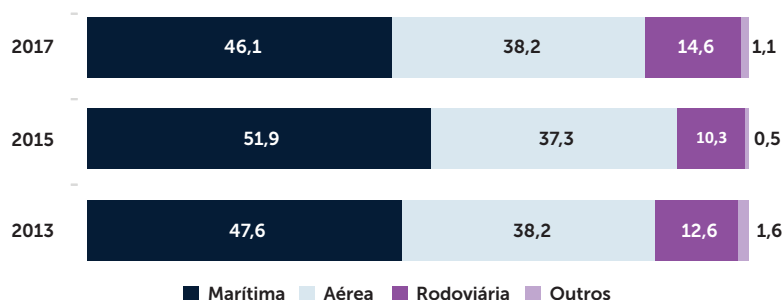
<sup>6</sup> Vide Nota Metodológica ao final do documento.

**Gráfico 16: Frequência das Exportações (%)**



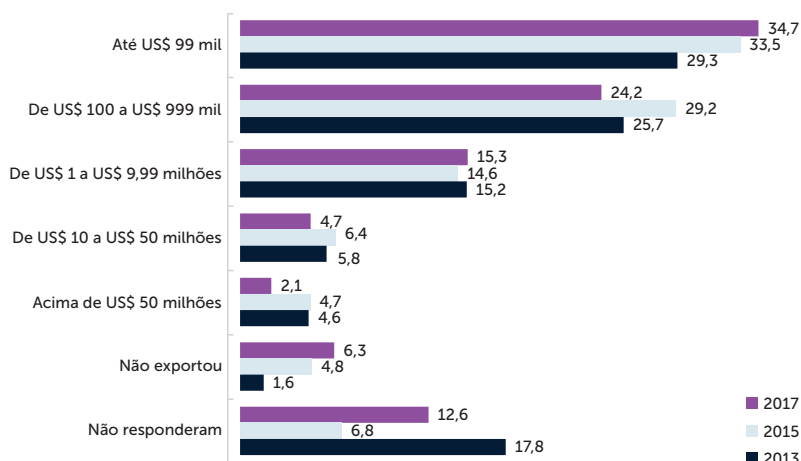
As empresas que exportam continuamente nos últimos cinco anos, sem interrupções, continuam sendo as mais participativas no Diagnóstico, atingindo 62% em 2017, resultado similar ao de 2015. Trinta e seis por cento das respondentes fizeram exportações esporádicas, em pelo menos dois dos últimos 5 anos. As empresas iniciantes, que fizeram sua primeira exportação em 2016, representam apenas 3%, o que não representa diferenças significativas em relação às edições anteriores da pesquisa, mesmo o percentual de iniciantes tendo duplicado em relação à última edição.

**Gráfico 17: Principal Forma de Embarque das Operações de Exportações (%)**



A distribuição entre as formas de embarque das exportações fluminenses permaneceu semelhante ao longo dos três últimos Diagnósticos. Nota-se uma leve redução do modal marítimo em relação à última edição, enquanto o percentual de empresas que citou o modal rodoviário como principal forma de embarque aumentou de 10% para 15%. Em 2017, a distribuição ficou da seguinte forma: 46% marítima, 38% aérea, 15% rodoviária. Vale registrar que as exportações rodoviárias seguem principalmente para os parceiros regionais da Argentina e Paraguai.

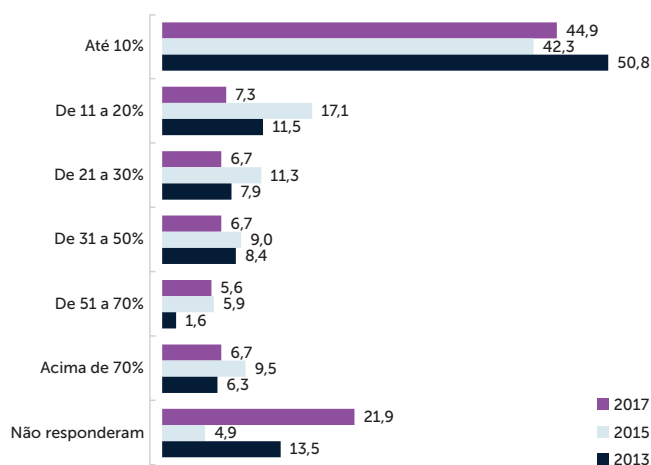
## Gráfico 18: Valor Total das Exportações FOB (%)



As empresas forneceram dados sobre os totais exportados nos anos anteriores às pesquisas, segundo faixas de valor (US\$) FOB. A maior parte das empresas fluminenses se concentrou nas primeiras faixas de exportação, até US\$ 999 mil, alcançando 59% em 2017. Em particular, o percentual de exportadoras até US\$ 99 mil em 2017 foi o maior de todas as edições (35%). Quinze por cento das empresas exportaram na faixa de US\$ 1 a US\$ 9,99 milhões e apenas 2% acima de US\$ 50 milhões.

Este resultado corresponde diretamente ao perfil de empresas por porte apresentado no Gráfico 9, que demonstra que 61% são micro e pequenas empresas, 28% médias empresas e 11% grandes.

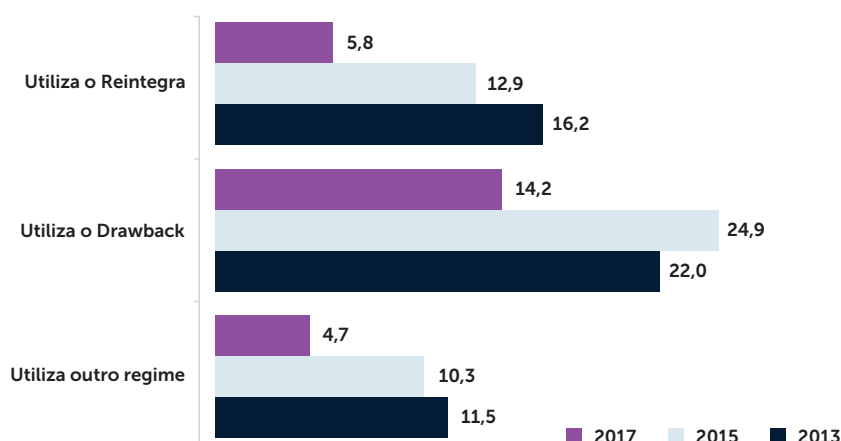
## Gráfico 19: Participação das Exportações no Faturamento da Empresa (%)



O Gráfico acima apresenta a participação das exportações no faturamento da empresa nos últimos diagnósticos. Em 2017, 45% das respondentes tem a exportação como componente de até 10% do seu faturamento, enquanto as empresas que tem a maior parte do faturamento anual decorrente de exportações (de 51% a 70% e acima de 70%) somaram 12%.



## Gráfico 20: Utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais (%)



Quando indagadas sobre a utilização de Regimes Especiais do Comércio Exterior<sup>7</sup>, uma em cada 4 empresas exportadoras indicou que faz uso de um regime especial (23%). Esse foi o menor percentual de utilização registrado no Diagnóstico (36% em 2015 e 2013).

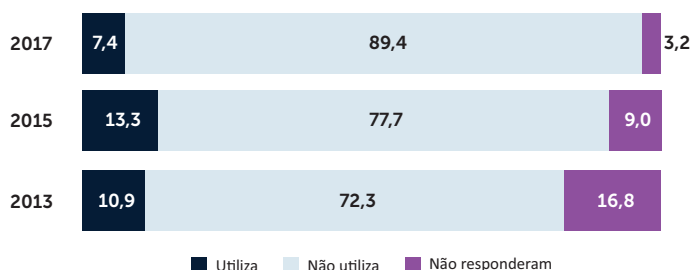
Com relação ao Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra)<sup>8</sup>, apenas 6% das empresas exportadoras disseram utilizar esse regime em 2017. A redução da utilização, que era de 13% em 2015 e 16% em 2013, pode ser explicada pela imprevisibilidade jurídica do Reintegra nos últimos anos, especialmente quando o governo reduziu a alíquota de restituição de 2016 para 0,1%.

Reflexo dessa situação de instabilidade é que, no Mapa do Desenvolvimento do Estado do Rio 2016-2025<sup>9</sup>, as empresas consideraram como umas das prioridades conferir previsibilidade ao mecanismo do Reintegra para eliminar a carga tributária sobre exportações de bens e serviços.

Quanto à utilização do regime de Drawback<sup>10</sup>, 14% das exportadoras fizeram uso deste regime especial. Essa também foi a menor participação percentual de empresas que usam o Drawback no Diagnóstico. Em 2015, 25% das exportadoras utilizavam o regime para incrementar a competitividade de suas exportações.

Por fim, apenas 5% das exportadoras responderam que utilizam outros regimes especiais. Dentre elas, a principal modalidade elencada foi a Admissão Temporária.

## Gráfico 21: Utilização dos Mecanismos de Financiamento às Exportações (%)



<sup>7</sup> Os Regimes Especiais não se adequam à regra geral do regime comum de importação ou exportação. Apresentam como característica comum a exceção à regra geral de aplicação de impostos exigidos na importação de bens estrangeiros ou na exportação de bens nacionais (regimes comuns de importação e de exportação), além da possibilidade de tratamento diferenciado nos controles aduaneiros.

<sup>8</sup> O Reintegra é o Regime Especial que tem por objetivo devolver, parcial ou integralmente, o resíduo tributário remanescente na cadeia de produção de bens exportados.

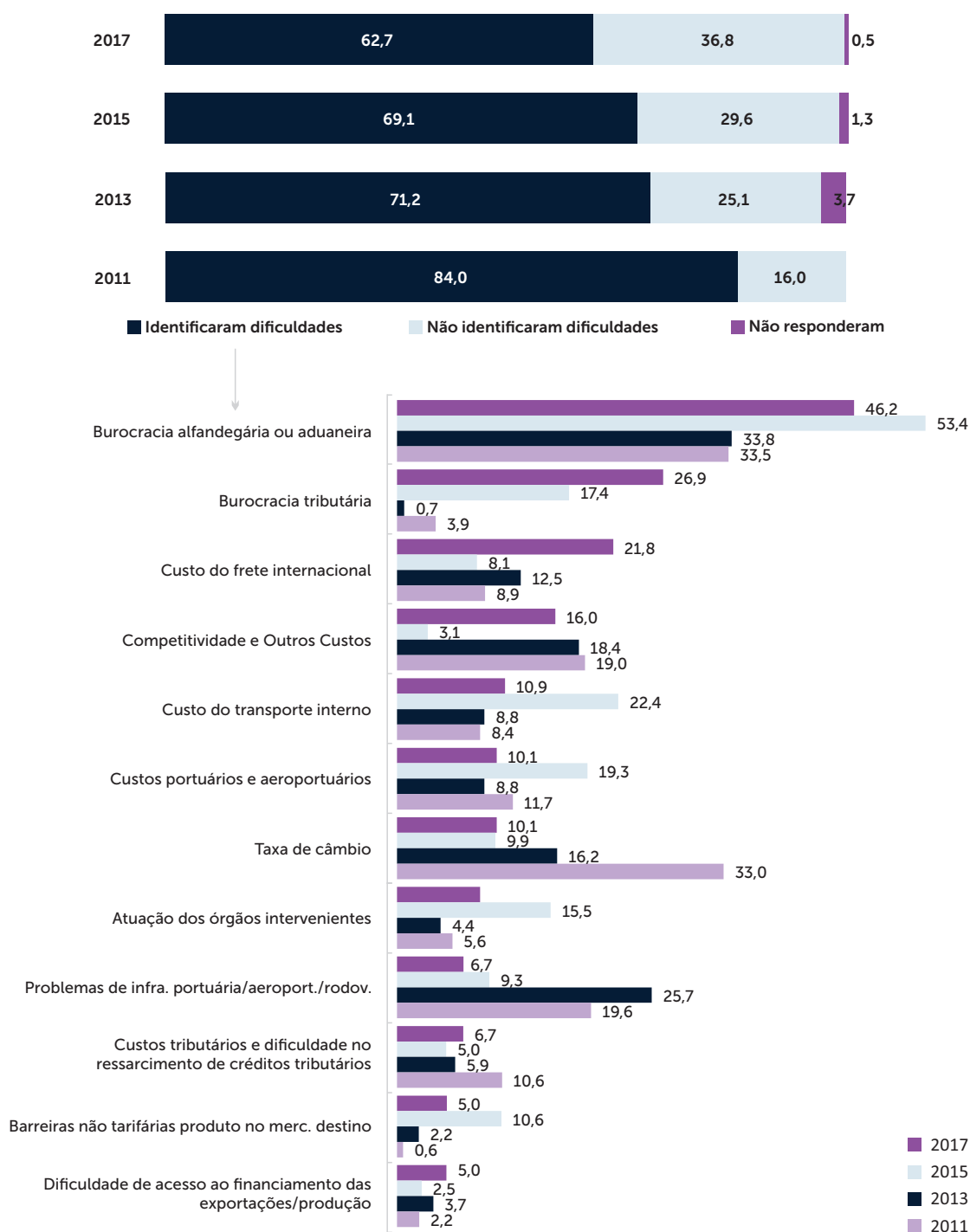
<sup>9</sup> Documento construído pela FIRJAN a partir de amplo processo de consulta aos empresários e sindicatos do Estado, incluindo reuniões presenciais nos Conselhos Temáticos e Conselhos Regionais do Sistema FIRJAN. O Mapa reflete a visão do Sistema FIRJAN e de seus associados ao apontar desafios reais a serem enfrentados pela indústria do Rio e propor ações para superá-los, fazendo a transição entre o presente e o futuro.

<sup>10</sup> Drawback é o Regime Aduaneiro Especial que permite às empresas importar ou comprar no mercado nacional peças, componentes, matérias-primas e outros insumos, com suspensão ou isenção de tributos alfandegários, para fabricar produtos destinados à exportação.

Em 2017, 89% das empresas indicaram não utilizar mecanismos de financiamento à exportação, acima dos 78% de 2015. Já o percentual das empresas que utilizaram (7%) foi inferior ao apresentado na pesquisa anterior (13%). O montante das respondentes que não responderam a pergunta também reduziu de 17% em 2013 para 9% em 2015 e 3% em 2017. O principal financiamento mencionado em 2017 foi o Adiantamento sobre Contrato de Câmbio (ACC), seguido pelo Adiantamento sobre Cambiais Entregues (ACE).

Neste Diagnóstico, as empresas fluminenses foram questionadas sobre os principais motivos para não utilizarem os mecanismos de financiamento e o mais apontado foi a falta de necessidade/baixa escala de produção.

**Gráfico 22: Principais Entraves às Exportações (%)**



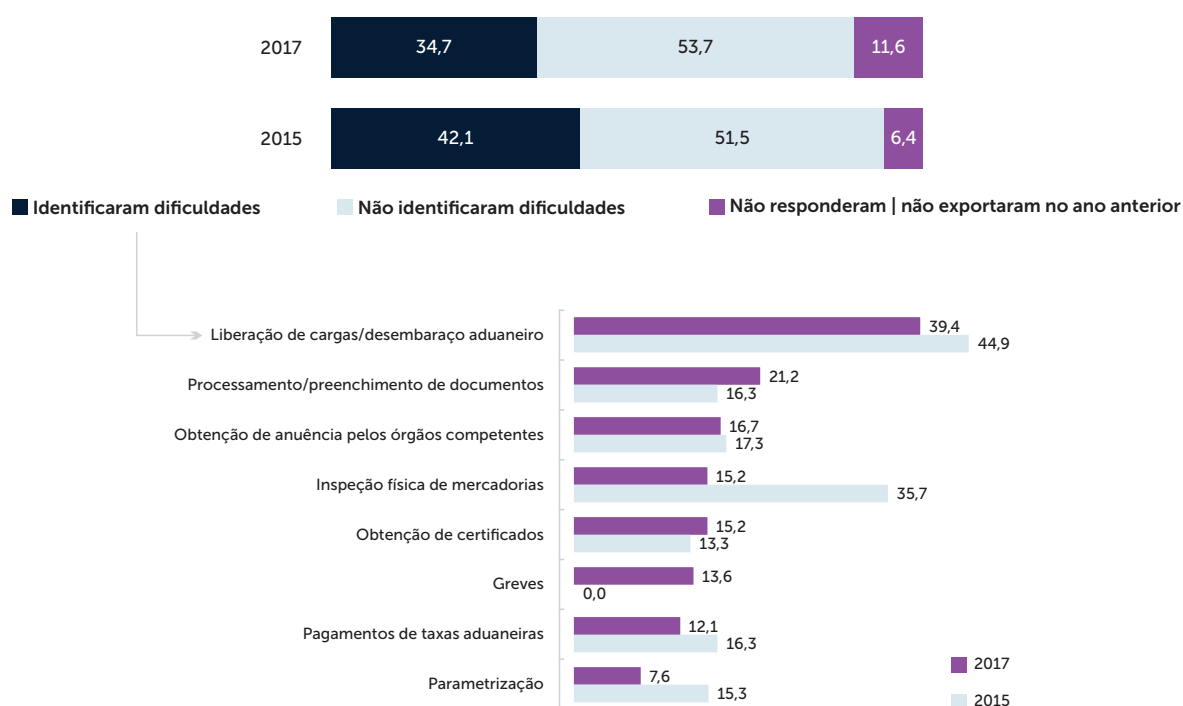
Mais da metade das exportadoras sentiu dificuldades nas suas operações de exportação (63%). Contudo, o ambiente geral tem melhorado nas últimas edições do Diagnóstico: em 2011, 84% das empresas exportadoras identificavam algum tipo de entrave às suas operações, percentual que caiu gradualmente para 71% em 2013, 69% em 2015 e 63% em 2017.

Em 2017, 46% das empresas que sentiram alguma dificuldade mencionaram como um dos entraves principais a burocracia alfandegária ou aduaneira. Vale ressaltar que houve ligeira queda desse percentual frente à última edição de 2015, quando 53% das exportadoras que percebiam dificuldades citaram esse obstáculo.

Outros entraves que reduziram no comparativo com o Diagnóstico de 2015 foram os custos de transporte interno (que saíram de 22% para 11%), os custos portuários e aeroportuários (de 19% para 11%) e a atuação dos órgãos intervenientes (de 16% para 8%).

A burocracia tributária foi o segundo entrave mais mencionado pelas exportadoras com dificuldades, mesmo levando em conta que o Brasil procura adotar o princípio mundialmente aceito de não exportação de tributos. Já o custo do frete internacional ficou como a terceira dificuldade mais levantada pelas exportadoras. Ambas as citações a estes obstáculos cresceram com relação aos Diagnósticos anteriores.

**Gráfico 23: Principais Processos da Burocracia Alfandegária e Aduaneira que afetaram negativamente as Operações de Exportações (%)**



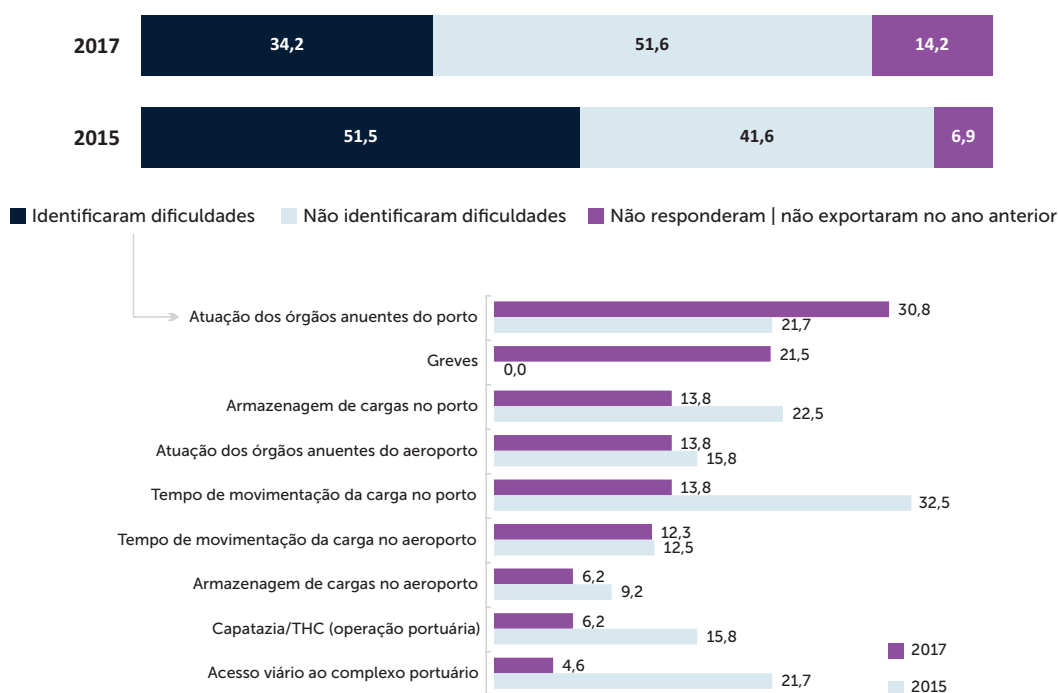
Considerando que nos Diagnósticos anteriores a burocracia alfandegária e aduaneira foi apontada como o principal entrave para a exportação pelas empresas fluminenses, elas foram indagadas quanto aos processos detalhados que afetam negativamente essas operações.

Em 2017, o principal processo da burocracia aduaneira indicado por essas empresas como entrave foi a liberação de cargas e o desembaraço aduaneiro (39%). Houve uma redução em relação ao último Diagnóstico, quando 45% das exportadoras mencionaram essa questão.

Enquanto a indicação do processamento de documentos subiu de 16% para 21%, a menção à inspeção física de mercadorias reduziu de 36% para 15% das empresas, o que representou uma relevante melhoria.

Vale ainda ressaltar que 14% das empresas exportadoras mencionaram as greves como uma questão que afetou negativamente os processos da burocracia alfandegária no último ano.

**Gráfico 24: Principais Barreiras que afetaram as Exportações nas Operações Portuárias e Aeroportuárias (%)**



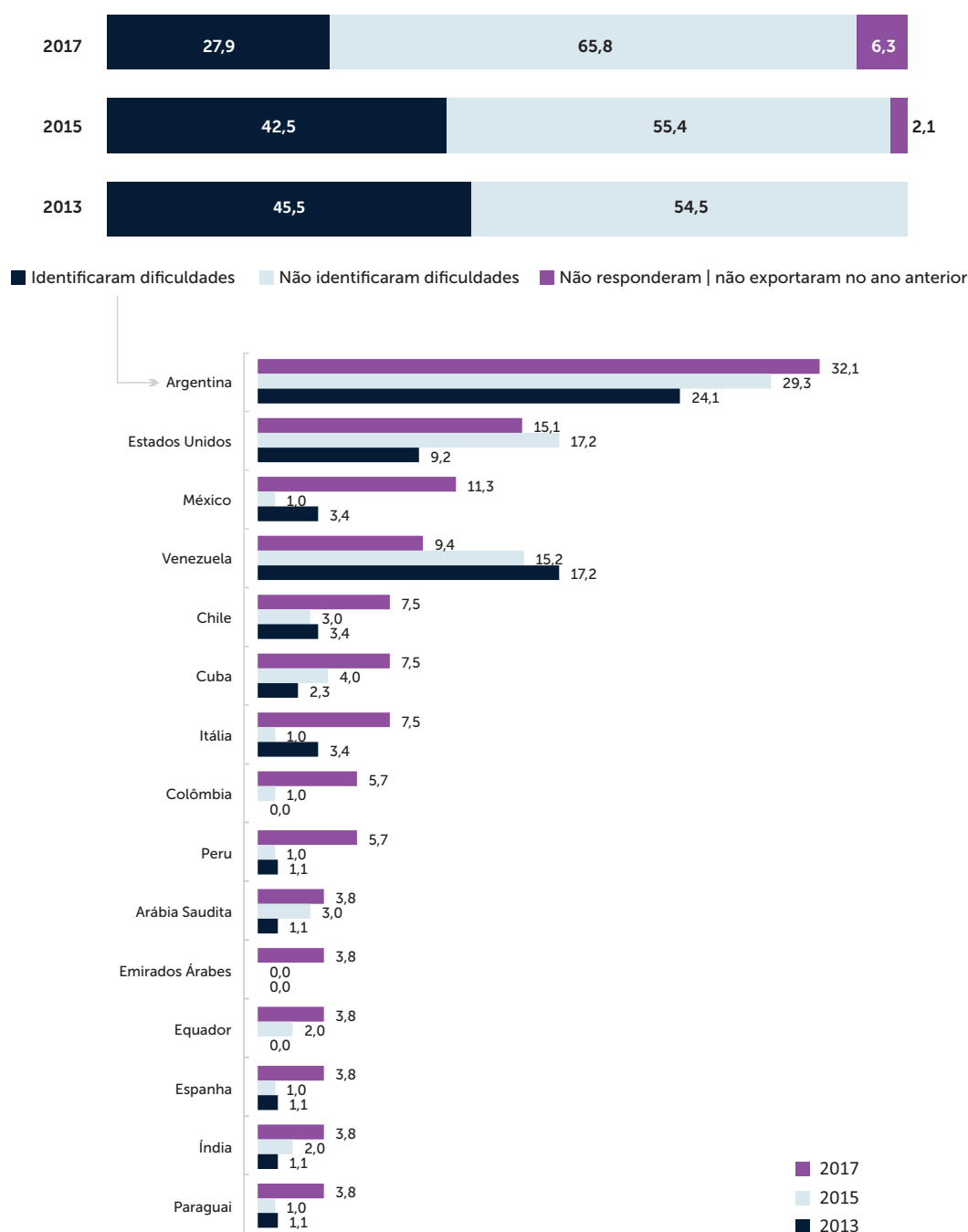
Em relação às barreiras que afetaram as exportações nas operações portuárias e aeroportuárias, em geral houve uma melhoria na percepção das empresas: em 2015 mais da metade identificava um problema específico (52%), já em 2017 o percentual de empresas caiu para 34%.

O problema mais apontado foi a atuação dos órgãos anuentes no porto: 31% das empresas que enxergam problemas nas operações indicaram essa barreira. Entretanto, considerando que o número de exportadoras que sentem dificuldade nas operações portuárias e aeroportuárias foi reduzido, em termos gerais essa barreira foi menos citada pelas exportadoras.

As demais barreiras às exportações nas operações dos Portos e Aeroportos do Rio tiveram significantes melhoras desde 2015, como a armazenagem de cargas no porto, a atuação dos órgãos anuentes no aeroporto e o tempo de movimentação das cargas no porto.

Já a greve foi também mencionada por 21% das exportadoras como entrave às suas operações portuárias e aeroportuárias, o que não havia sido levantado em 2015.

**Gráfico 25: Países com mais Dificuldades no Processo de Exportação (%)**

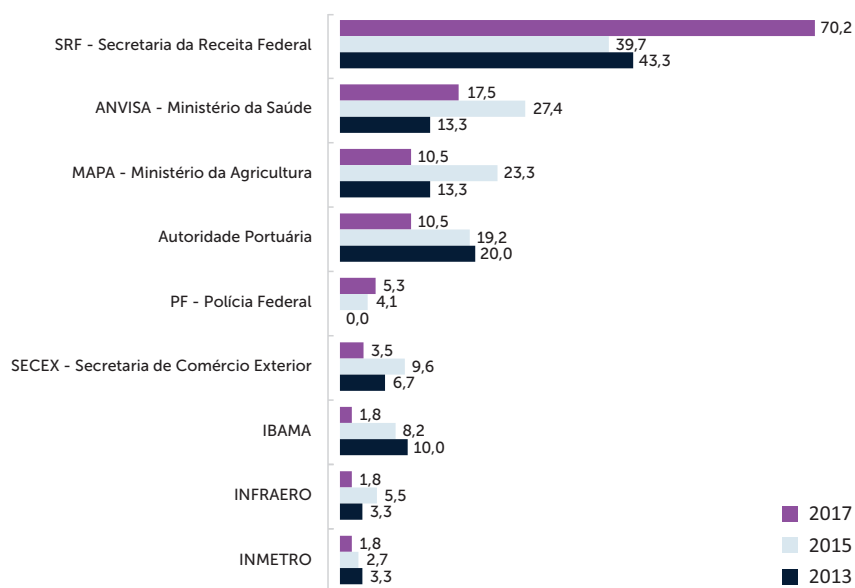


As empresas também indicaram países com os quais tinham dificuldades específicas no processo de exportação. Assim, observou-se uma evolução no cenário, pois em 2013 45% das empresas identificavam barreiras específicas de determinado país para suas exportações, enquanto em 2017 as indicações reduziram para 28% dos exportadores respondentes.

Os países mais citados permaneceram os mesmos: Argentina (1º) e Estados Unidos (2º), que também são dois dos maiores parceiros das exportações do Rio. Já o México, que vinha sendo citado por 1% das exportadoras que identificam barreiras em países, nessa edição foi mencionado por 11% das exportadoras.

Na contramão da tendência, a Venezuela foi mencionada por apenas 9% das exportadoras, percentual que era de 15% na última edição do Diagnóstico, o que pode ter relação com a queda de 69% nas vendas do Rio de Janeiro para o país.

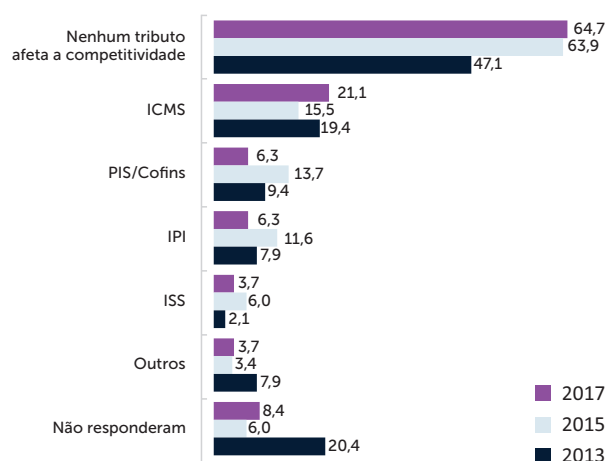
## Gráfico 26: Órgãos Intervenientes que mais afetam as Exportações (%)



O Gráfico acima apresenta, em ordem de dificuldade, os órgãos que mais afetaram as exportações das empresas fluminenses. O panorama geral de 2017 foi semelhante ao de 2015, pois cerca de três em cada 10 empresas identificam dificuldades específicas com um órgão anuente.

Contudo, o percentual dessas exportadoras que identificou problemas com a Receita Federal do Brasil subiu de 40% em 2015 para 70% em 2017. Já a ANVISA, que foi o segundo órgão mais citado (17%), e o Ministério da Agricultura, terceiro mais citado (10%), tiveram reduções em relação ao último Diagnóstico.

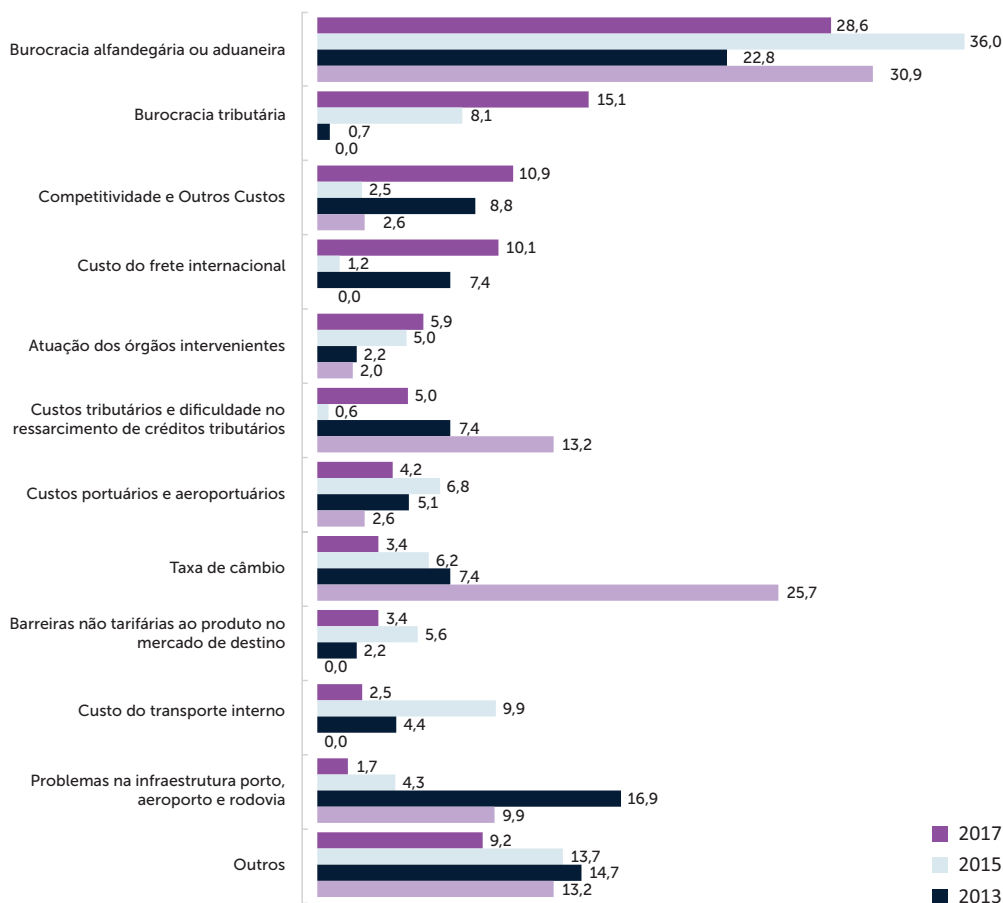
## Gráfico 27: Tributos que mais afetam a Competitividade (%)



A Organização Mundial de Comércio (OMC) reconhece a premissa de desoneração das exportações, contudo a complexidade operacional do sistema tributário brasileiro faz com que alguns tributos afetem a competitividade exportadora para uma em cada 3 empresas fluminenses (27%). Essa proporção teve pequena redução em relação às proporções das pesquisas anteriores, que somaram 31% em 2015, 32,5% em 2013 e 43% em 2011.

O ICMS continua sendo o tributo que mais afeta a competitividade exportadora das empresas fluminenses (21%). Nota-se diminuição do número de empresas que citaram o PIS/Cofins (6%) e o IPI em 2017 (6%).

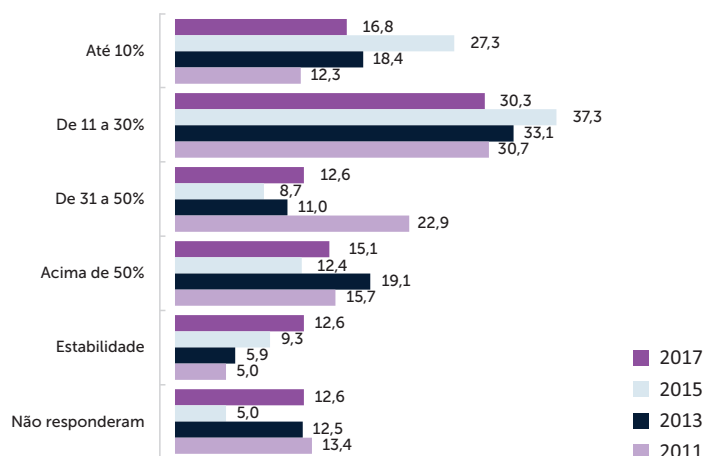
**Gráfico 28: Principais Entraves a serem combatidos pelo Governo (%)**



Considerando que a maior parte das empresas fluminenses enfrenta grande número de entraves nas exportações, o Gráfico acima indica as barreiras ao que devem ser prioritariamente eliminadas pelo governo. A burocracia alfandegária ou aduaneira foi o principal obstáculo mencionado (29% das empresas).

A burocracia tributária ocupa o segundo principal entrave indicado em 2017 (15%), seguido pelos custos de competitividade (11%) e custos de frete internacional (10%), que apresentaram incremento em relação ao Diagnóstico de 2015, quando haviam sido mencionados por 2,5% e 1,2% das exportadoras, respectivamente.

**Gráfico 29: Incremento nas Exportações sem os Entraves (%)**



Nos Gráficos anteriores as empresas indicaram os entraves ao comércio exterior e selecionaram aqueles que deveriam ser prioritariamente combatidos pelo governo. Diante disso, os empresários foram questionados quanto ao possível incremento em suas exportações, caso as dificuldades mencionadas fossem superadas. A grande maioria, três em cada 4 empresários (75%), indica possibilidade de crescimento.

Apesar dos empresários que indicaram estabilidade terem aumentado para 13% em 2017, aqueles que projetaram crescimento nas exportações acima de 30% aumentaram de 21% para 28%.





# **PERFIL DAS EMPRESAS IMPORTADORAS**

## Seção IV: **PERFIL DAS EMPRESAS IMPORTADORAS**

A Seção IV apresenta o perfil das empresas importadoras do Estado do Rio de Janeiro, comparando com os resultados dos Diagnósticos de 2015, 2013 e 2011. A primeira parte oferece informações a respeito da frequência das operações e a forma de desembarque das mercadorias, faixa de valor das importações, natureza e objetivo dos produtos importados.

Em termos de frequência, três em cada 4 empresas fluminenses (74%) importam no mínimo há 5 anos sem interrupções e a principal forma de desembarque das operações foi a marítima (58%). A faixa de valor mais citada para as importações de 2016 foi de US\$ 100 mil a US\$ 999 mil, por 31% das empresas.

Vale registrar que o percentual de empresas que importavam apenas matéria-prima (22%) foi o menor das edições do Diagnóstico, enquanto quase a metade das importadoras (48%) compraram do mercado externo apenas produtos finais. Dessa forma, 48% das empresas indicaram que importam para comercialização no mercado interno sem transformação. Por outro lado, 43% das importadoras também importam para produção e posterior comercialização para mercado doméstico.

A segunda parte desta seção elenca os principais entraves às importações e os órgãos intervenientes que mais afetaram essas operações. Em seguida, as empresas indicaram os principais entraves a serem combatidos pelo governo e o incremento projetado nas importações caso as barreiras apontadas fossem eliminadas.

A maior parte das empresas importadoras do Estado do Rio (73%) ainda entende que existem entraves que atrapalham suas importações: o mais indicado foi a burocracia alfandegária e aduaneira (67%), repetindo o resultado das pesquisas anteriores. As empresas indicaram que o pior processo da burocracia é a liberação de cargas e o desembarço aduaneiro, que foi citado por 60% dessas empresas. Já a obtenção de licença de importação dos órgãos competentes, citada por metade das importadoras em 2015, nesta edição foi levantada como entrave por 19% das respondentes.

A maioria das importadoras também sofre com as operações portuárias e aeroportuárias, principalmente pela atuação dos órgãos anuentes do porto (37%) e pelas greves (21%). Por sua vez, a Receita Federal do Brasil teve preocupante incremento de menções dentre as respondentes como principal órgão que afetou negativamente as importações das empresas, saindo de 47% em 2015 para 66% em 2017. Já a ANVISA foi citada por 30% das importadoras que veem problemas com órgãos anuentes e o Ministério da Agricultura, por 17%.

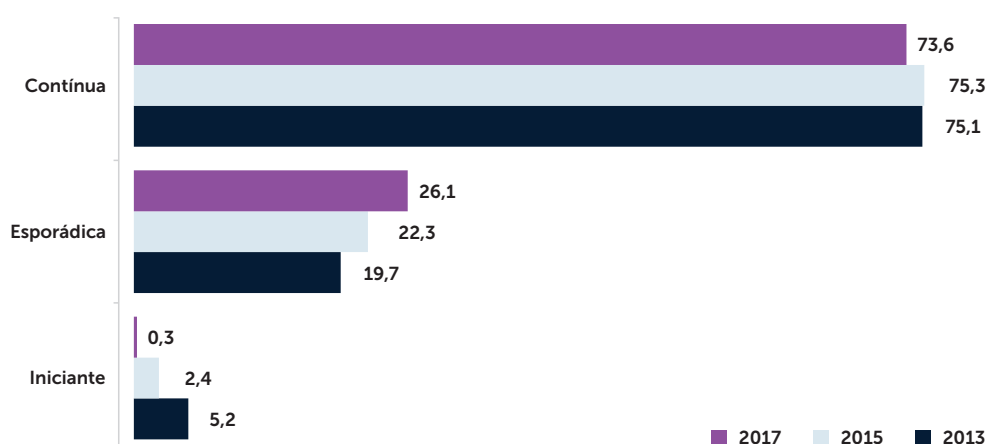
Por fim, as empresas importadoras selecionaram qual o entrave deve ser prioritariamente combatido pelo governo. A principal dificuldade apontada foram os custos tributários (41%), pela primeira vez superando a burocracia alfandegária e aduaneira, citada por 40% das empresas como principal entrave a ser solucionado. Caso os entraves fossem superados, 81% das empresas entendem que poderiam aumentar suas importações.

É válido ressaltar que, devido a alterações metodológicas nas edições do Diagnóstico, alguns dos resultados não puderam ser comparados com toda a série histórica<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Vide Nota Metodológica ao final do documento.

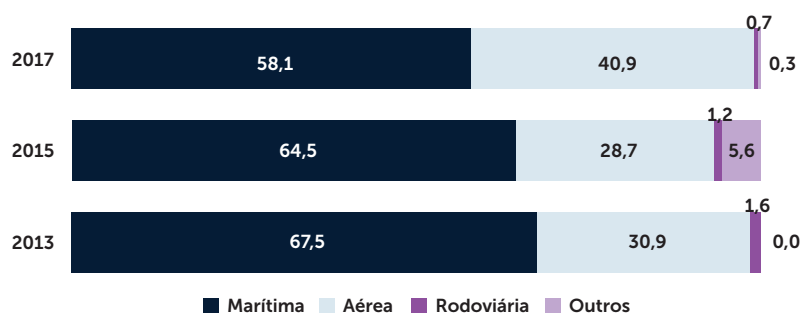
**Gráfico 30: Frequência das Importações (%)**



O Gráfico acima apresenta a frequência importadora das empresas do Estado do Rio. Setenta e quatro por cento das empresas importam há pelo menos 5 anos continuamente, sem interrupções. Esse resultado está em conformidade com a tendência observada no último Diagnóstico, no qual a parcela que importa continuamente (74%) foi maior do que o percentual de empresas que exportam de maneira contínua (62%).

Vinte e seis por cento das respondentes importadoras compraram do mercado externo em pelo menos 2 dos últimos 5 anos, com interrupções. Apenas 0,3% das empresas importaram pela primeira vez em 2016, distribuição que vem se reduzindo ao longo dos anos.

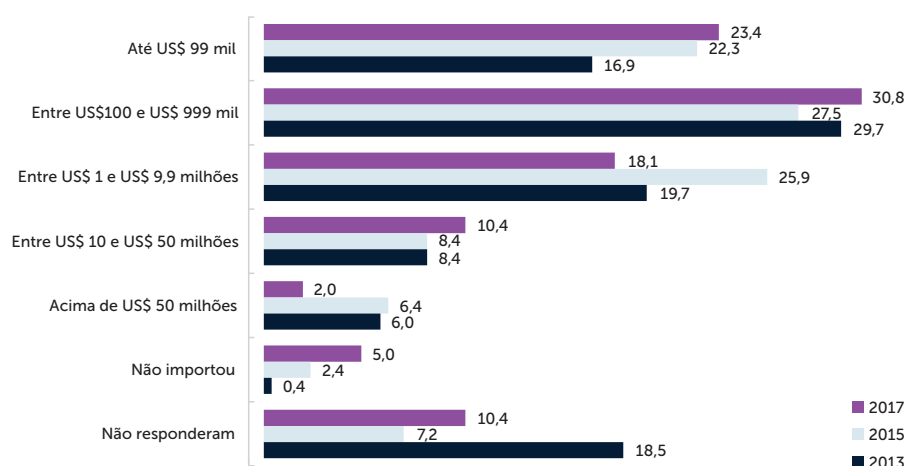
**Gráfico 31: Principal Forma de Desembarque das Operações de Importação (%)**



As empresas importadoras indicaram a principal forma de desembarque das mercadorias e observou-se variação na distribuição ao longo dos anos. O marítimo manteve-se como principal em 2017 (58%), enquanto o modal aéreo avançou significativamente frente aos anos anteriores e, a despeito dos maiores custos de frete, foi a principal forma de embarque para 41% das importações. Esse desempenho superior em relação às edições anteriores (29% em 2015 e 31% em 2013) pode estar relacionado com o impacto do atraso ocasionado por greves, questão que foi reiteradamente mencionada pelas empresas no Diagnóstico - 2017.

Já o modal rodoviário foi a principal forma de entrada das importações no país para apenas 1% das importadoras do Rio. Comparando as formas de embarque das operações de comércio exterior, nota-se menor importância do modal rodoviário para as importações (1%) do que para as exportações (15%).

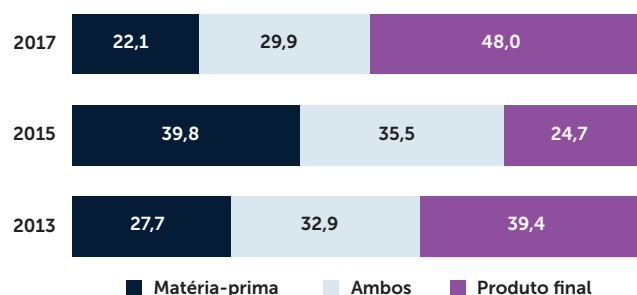
### Gráfico 32: Valor Total das Importações FOB em 2016 (%)



O Gráfico acima apresenta as empresas segundo faixas de valor no total das importações nas últimas três pesquisas. Resumidamente, 23% fazem suas compras externas até US\$ 99 mil enquanto 31% das empresas indicaram importar entre US\$ 100 mil e US\$ 999 mil.

Dezoito por cento das importadoras indicaram valor de US\$ 1 a US\$ 9,9 milhões. Já 10% dos entrevistados que compram produtos estrangeiros estão na faixa de US\$ 10 milhões a US\$ 50 milhões, enquanto apenas 2% importam acima de US\$ 50 milhões.

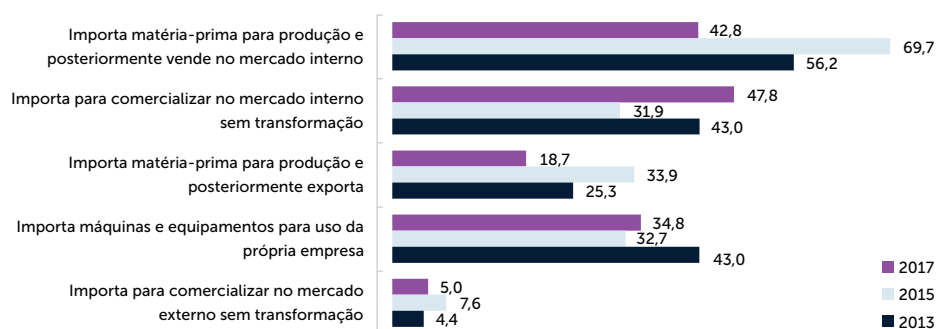
### Gráfico 33: Natureza do Produto Importado (%)



As empresas foram questionadas quanto à natureza dos produtos que compram do mercado externo. O percentual de importadoras que compram apenas matéria-prima caiu de 28% em 2013 para 22% em 2017, ao passo que a parcela que compra apenas produtos finais saiu de 39% em 2013 para 48% em 2017. Já as empresas que importam ambos os tipos de produtos somaram 30% nesta edição.

Dessa forma, nota-se uma tendência de maior comercialização de produtos finais, pois 78% das importadoras indicaram que compram bens dessa natureza, percentual que era de 60% em 2015 e 72% em 2013.

**Gráfico 34: Objetivo do Produto Importado (%)**

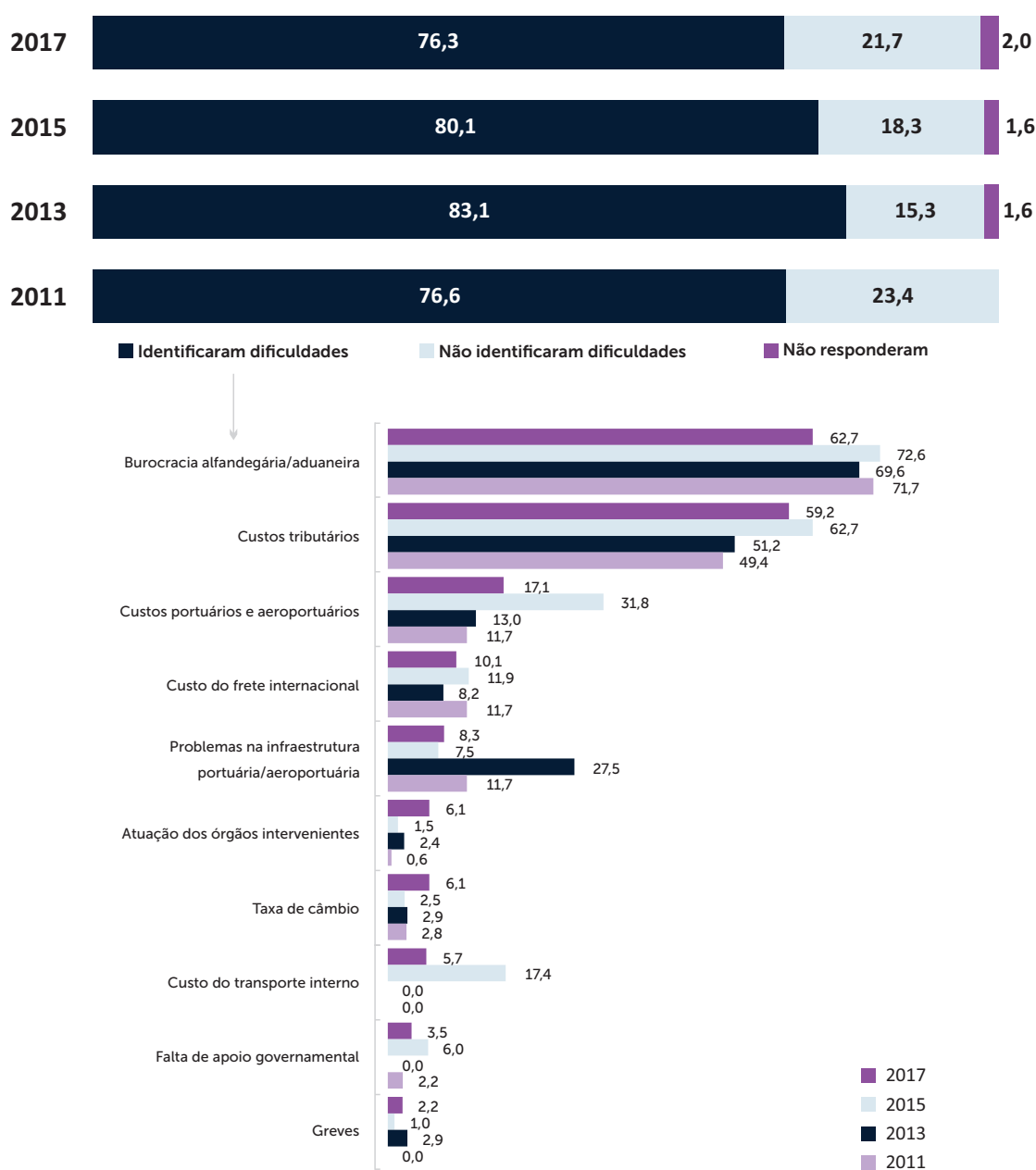


Neste item, as empresas, em ordem de identificação, selecionaram a situação descrita que mais reflete suas importações. Pela primeira vez, o principal objetivo identificado foi o de comercializar no mercado interno sem transformação (48%), seguido da importação de matéria-prima para produção (transformação) e posterior venda ao mercado interno (43%). Já a importação de máquinas e equipamentos para uso da própria empresa subiu para 35% em 2017, terceiro maior objetivo das importadoras fluminenses.

Esse resultado corresponde à pergunta anterior, que mostra aumento da importação de produtos finais. Cabe ressaltar que a resposta a esse questionamento demonstra que as empresas importadoras realizam diferentes operações consecutivamente.

Também é interessante notar que 19% das empresas identificaram importar matéria-prima para produção (transformação) e posterior exportação, enquanto foi identificado, em uma das perguntas anteriores, que um percentual menor (14%) das empresas exportadoras utiliza o Regime de Drawback. Isso demonstra que, possivelmente, mais empresas fluminenses têm possibilidade de aderir ao Regime de Drawback e desonerar suas importações. Segundo dados oficiais da SECEX, 23% das exportações brasileiras foram amparadas pelo regime de Drawback em 2016.

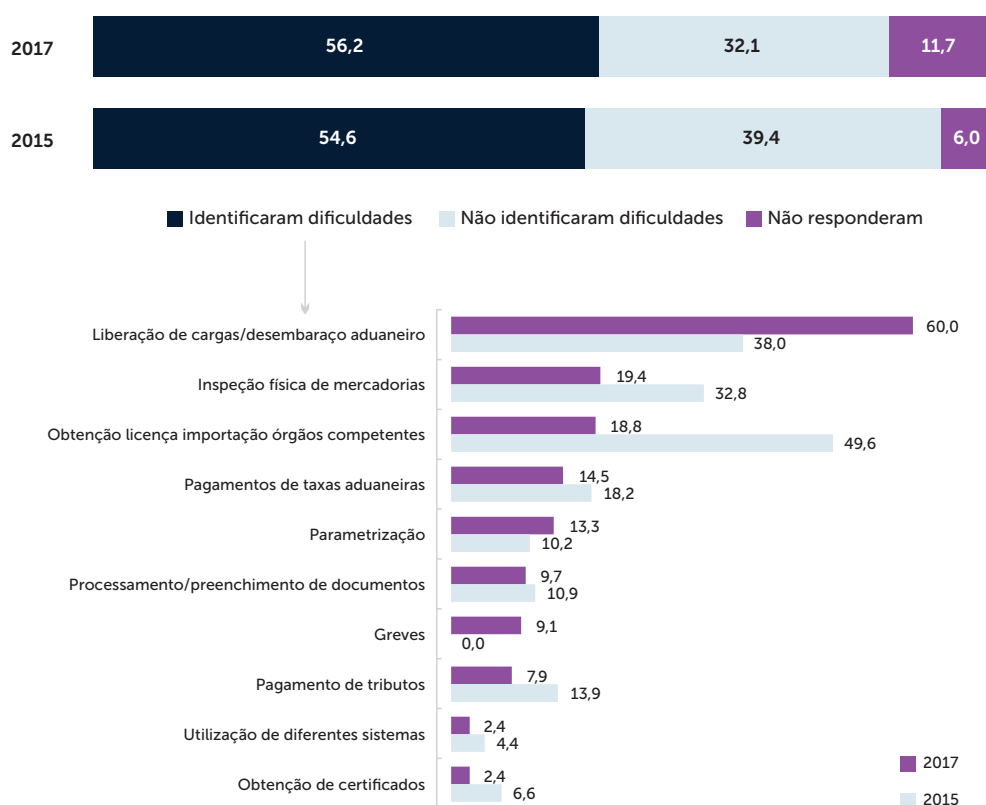
**Gráfico 35: Principais Entraves às Importações (%)**



As empresas mencionaram os três principais entraves às suas importações. Do total de importadoras fluminenses (299), a maioria identificou dificuldades em suas operações de aquisições externas (76%). Em linhas gerais, houve ligeira melhora do ambiente de negócios para importações fluminenses em relação aos últimos anos (83%, em 2013 e 80%, em 2015).

Assim como nas exportações, a burocracia alfandegária e aduaneira foi o entrave mais indicado pelos respondentes (63%), embora o percentual tenha caído desde 2015 (73%). Os custos tributários também foram expressivamente mencionados (59%); vale registrar que dos cinco principais entraves à importação apontados, três envolvem custos - tributários, portuários ou aeroportuários e de frete internacional. Já os custos de transporte interno, mencionados por 17% das importadoras que sentiram dificuldades em 2015, nesta edição foram levantados por 6% das empresas.

**Gráfico 36: Principais Processos da Burocracia Alfandegária e Aduaneira que afetaram negativamente as Operações de Importações (%)**



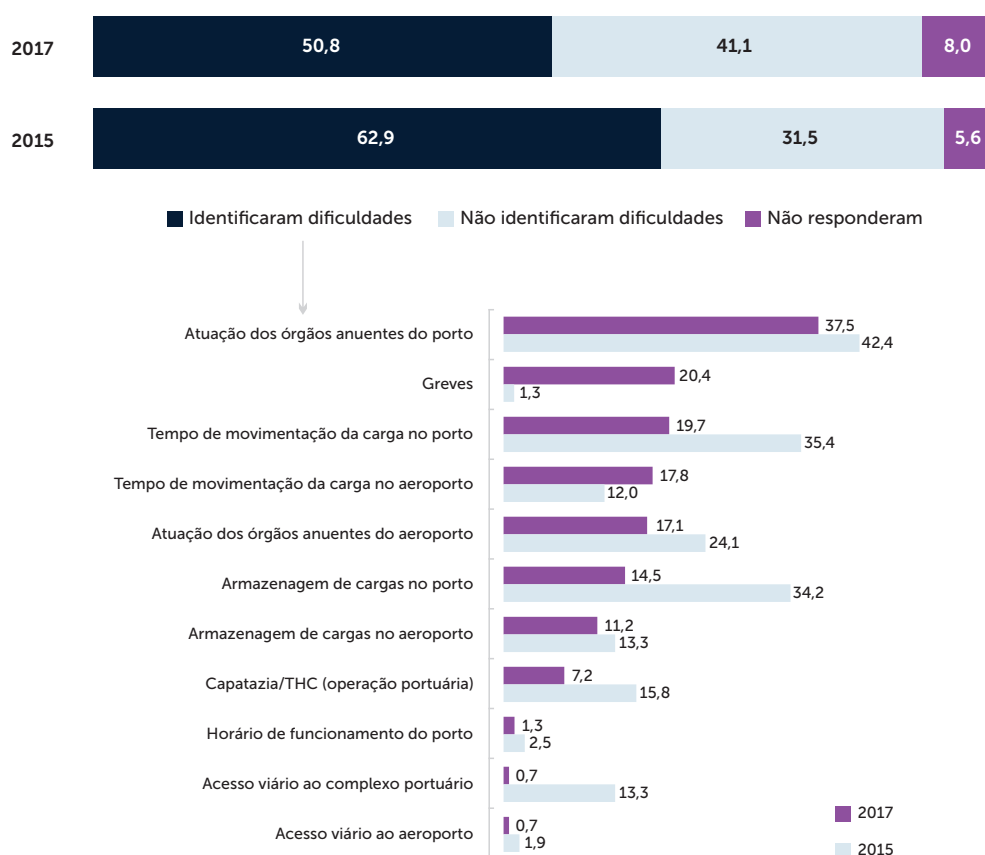
A burocracia alfandegária e aduaneira também foi apontada como principal entrave para a importação fluminense. Por isso, as empresas foram estimuladas a detalhar os processos que mais afetam negativamente essas operações.

A liberação de cargas e o desembaraço aduaneiro foram o entrave mais citado pelas empresas, assim como na exportação. Na importação, contudo, a dificuldade teve ainda maior relevância, tendo sido apontada por 60% das importadoras.

Em contrapartida, a obtenção de licença de importação e a inspeção física de mercadorias foram as menos citadas nesta edição em relação à de 2015. Ambas foram apontadas por 19% das respondentes em 2017, enquanto na última edição a obtenção de licença havia sido mencionada por 50% das empresas e a inspeção física, por 33%.

Vale ainda mencionar a greve, que foi citada por 9% das importadoras como uma barreira às importações. Nesta edição, portanto, os apontamentos a eventuais greves como dificuldade para o comércio exterior têm aumentado na comparação com os últimos Diagnósticos, com reflexo tanto nas importações como nas exportações.

**Gráfico 37: Principais Barreiras que afetaram as Importações nas Operações Portuárias e Aeroportuárias (%)**



As empresas indicaram também as principais barreiras que afetaram suas importações nas operações portuárias e aeroportuárias. Nesse quesito, a percepção geral foi de menos dificuldades, uma vez que o percentual de importadoras que identificavam problemas reduziu de 63% em 2015 para 51%.

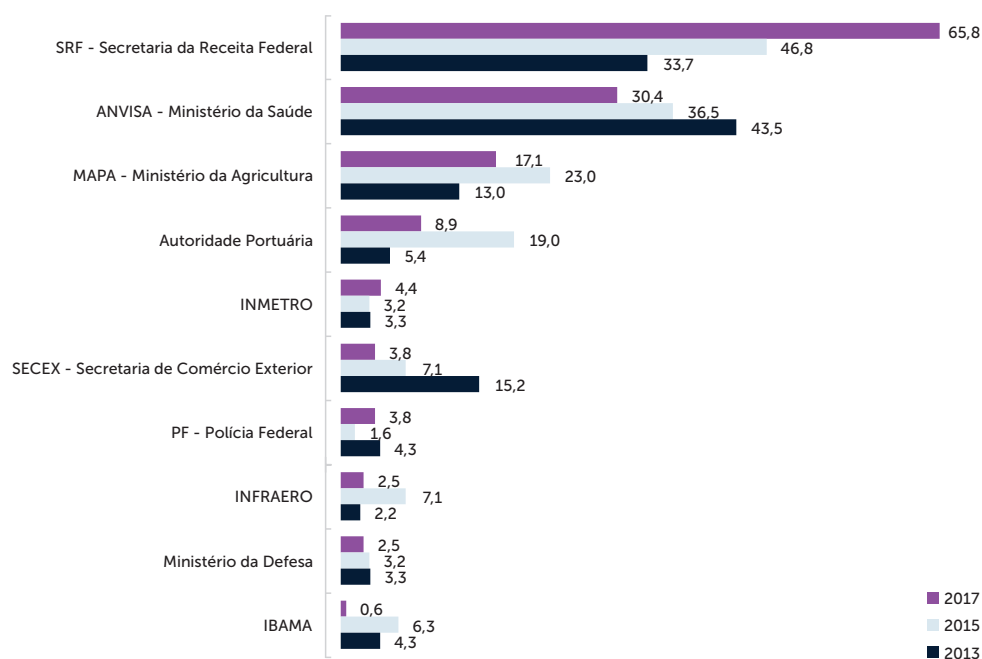
A atuação dos órgãos anuentes foi o principal problema das operações nos portos e aeroportos do Rio, mencionada por 37% das respondentes.

Vale mencionar que a maioria das dificuldades apontadas apresentou melhora na comparação de anos, especialmente as questões portuárias, como tempo de movimentação da carga no porto, armazenagem no porto, capatazia/THC e acesso viário ao complexo portuário.

Contudo, a greve e o tempo de movimentação da carga no aeroporto foram percebidos de maneira mais negativa pelas empresas. A greve foi mencionada por uma em cada 5 importadoras e tornou-se a segunda principal dificuldade das importadoras. O tempo de movimentação da carga no aeroporto, em particular, também foi levantado por 20% das importadoras.



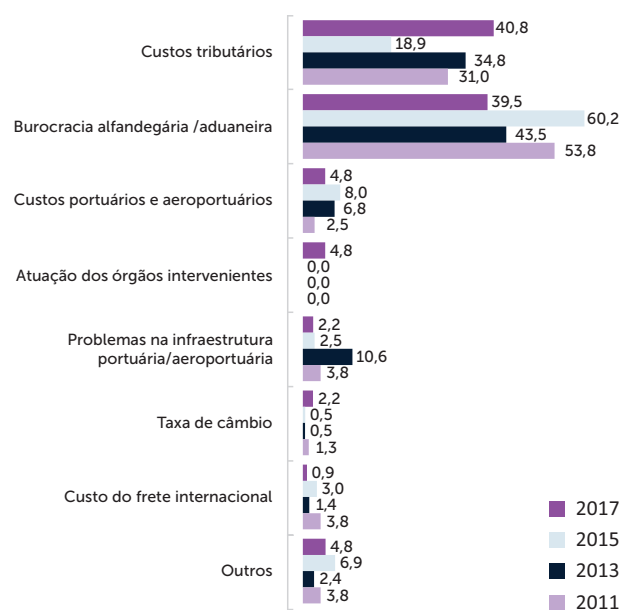
**Gráfico 38: Órgãos Intervenientes que mais afetam as Importações (%)**



Em relação aos órgãos anuentes, as empresas importadoras indicaram os que mais afetaram negativamente as operações. O panorama geral indicou que 52% das importadoras sentiu dificuldade com um órgão específico e, destes, dois em cada 3 empresários (66%) indicaram a Receita Federal do Brasil como principal órgão que afetou suas importações - um aumento significativo em relação a 2015 (47%), seguindo a tendência das exportações. Esse aumento de menções pode estar relacionado com episódios de greve, cujas citações aumentaram nos resultados de 2017.

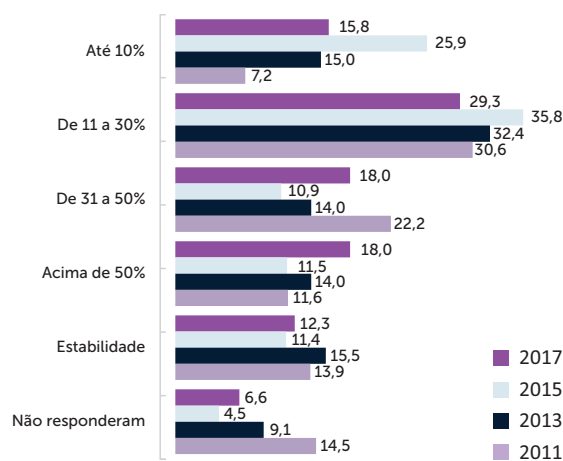
A ANVISA foi o segundo órgão mais citado (30%), seguido do MAPA (17%) e ambos, como na exportação, melhoraram sua performance de acordo com a percepção das importadoras. Cabe ressaltar a redução das citações da Secex, de 15% em 2013 para 7% em 2015 e 4% em 2017.

**Gráfico 39: Principais Entraves a serem combatidos pelo Governo (%)**



Diante dos diversos problemas que afetam as importações fluminenses apresentados anteriormente, as empresas identificaram quais devem ser aqueles priorizados pelo governo para uma ação mais efetiva. Pela primeira vez na pesquisa, em 2017 os custos tributários foram elencados como prioridade a ser combatida pelo governo (41%). Em segundo lugar foi mencionada a burocracia alfandegária e aduaneira (39%).

**Gráfico 40: Incremento nas Importações sem os Entraves (%)**



Caso os entraves apontados nos gráficos anteriores fossem retirados, o cenário que se delineia para as importações seria de incremento para 81% das empresas fluminenses. Um em cada 3 empresários espera crescimento das importações acima de 30% caso os entraves sejam solucionados, quantidade superior à apontada nas últimas edições do Diagnóstico. Por sua vez, as respondentes que acreditam em estabilidade se mantiveram na faixa ao redor dos 12% em 2017.



**CENÁRIO MUNDIAL E  
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

## Seção V:

# CENÁRIO MUNDIAL E NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

A Seção V faz um apanhado sobre a percepção das empresas atuantes no comércio exterior fluminense a respeito do cenário mundial e das negociações internacionais. Após analisar o perfil e os entraves enfrentados pelas exportadoras e importadoras, a pesquisa busca agora revelar quais as expectativas empresariais para o ano de 2017 em termos de incremento em suas operações, assim como em relação aos mercados de destino dos produtos fluminenses e de origem das importações do Estado do Rio.

Diante de tantos desafios apontados pelas empresas nas seções anteriores, as projeções para o comércio exterior em 2017 resultaram novamente em quadro cauteloso, no qual 39% das empresas previram estabilidade para suas exportações e 40% para as importações. Por sua vez, 30% das exportadoras estimam crescimento, enquanto 24% das importadoras também preveem incremento nas importações.

A metade das exportadoras indicou que pretende realizar ações com vistas a abertura de novos mercados em 2017, sendo Argentina, EUA e Chile os principais a serem conquistados. Contudo, nas importações, a maior parte das empresas importadoras (67%) não pretende realizar ações em busca de novos mercados fornecedores.

O posicionamento das empresas fluminenses em temas centrais do comércio exterior é também objeto de análise nesta seção, considerando: o conhecimento dos mecanismos de Defesa Comercial e do Portal Único do Comércio Exterior, a emissão de Certificado de Origem, o acompanhamento de negociações internacionais e a percepção sobre o Mercosul e a política de comércio exterior brasileira. Por fim, as empresas apresentaram suas percepções sobre do comércio exterior no Brasil para os próximos anos.

Cabe destacar que 29% das respondentes consideram que sua empresa está sendo prejudicada por importações desleais ou fraudulentas, como por importações realizadas a preços de *dumping*, subfaturadas. Já 42% das empresas não conhecem os mecanismos de Defesa Comercial que podem ajudá-las a superar esses problemas.

Entre as empresas exportadoras e importadoras do Rio, 57% acompanham as negociações internacionais brasileiras e elegeram um eventual acordo com os EUA como o que resultaria em maior incremento comercial (23%). A faixa mais indicada para o incremento no valor das operações seria entre 11% e 30% (36%).

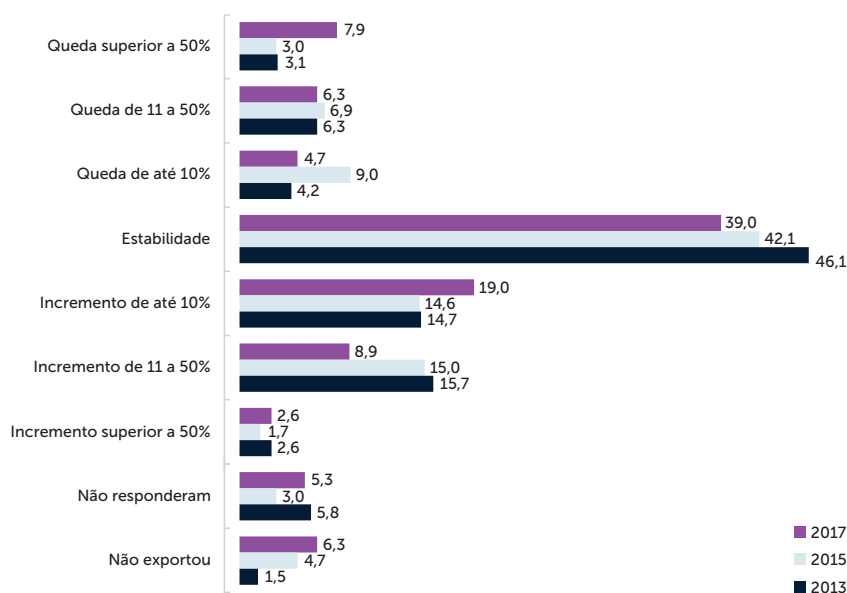
Das empresas fluminenses, 40% mantêm relações comerciais com os países do Mercosul. Mais da metade percebeu benefícios do bloco para o Brasil; entre os principais: isenção ou redução de tarifas, novas oportunidades comerciais e de investimento. Contudo, 18% das empresas que se relacionam com o bloco identificaram dificuldades, em especial a falta de coordenação aduaneira.

O Programa do Portal Único de Comércio Exterior, lançado pelo Governo Federal em 2014, está sendo construído e já conta com diversas ferramentas entregues, porém ainda não é conhecido por 64% das exportadoras e importadoras do estado. Por fim, as empresas avaliaram a adequação da atual política de comércio exterior e a média ficou em 5,79. Ao mesmo tempo, as empresas do Rio estão mais otimistas e 69% esperam tendência de crescimento do comércio exterior em 2017.

É válido ressaltar que, devido a alterações metodológicas nas edições do Diagnóstico, alguns dos resultados não puderam ser comparados com toda a série histórica<sup>12</sup>.

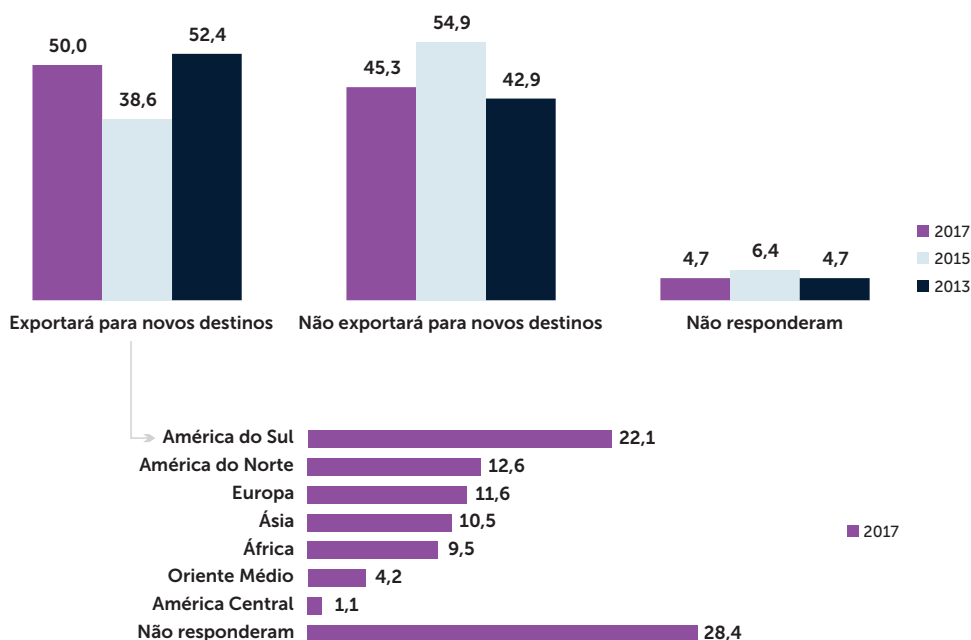
<sup>12</sup> Vide Nota Metodológica ao final do documento.

### Gráfico 41: Projeção para o Incremento das Exportações em 2017 (%)



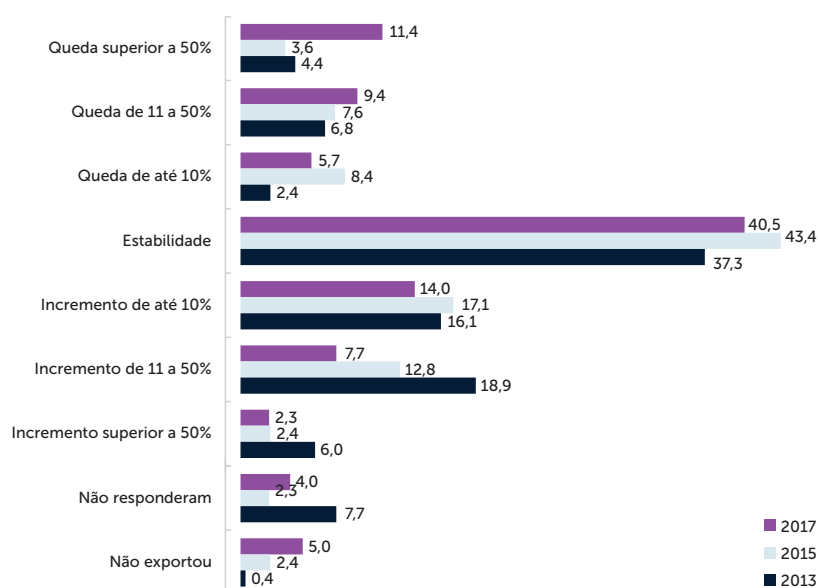
A maior parcela das empresas exportadoras do Estado do Rio novamente apresentou tendência cautelosa para o crescimento das exportações em 2017: grande parte das empresas (39%) sugeriu estabilidade. As empresas que estimaram crescimento se mantiveram em torno de 30%, similar às últimas edições, e a maior parte indica possibilidade de incremento de até 10% nas suas vendas externas. Por sua vez, as empresas que estimaram queda nas exportações somaram 19%, mesmo resultado de 2015.

### Gráfico 42: Abertura de Novos Mercados em 2017 (%)



Metade das empresas fluminenses exportadoras deseja abrir novos mercados em 2017 (50%), cenário mais otimista com relação à pesquisa anterior. Estas empresas tem intenção de conquistar mercados principalmente na América do Sul (22%), com destaque para Argentina e Chile, América do Norte (13%), sobretudo Estados Unidos, e Europa (12%). Vale mencionar que os principais destinos citados – Argentina, Estados Unidos e Chile – são também parceiros tradicionais do Rio de Janeiro.

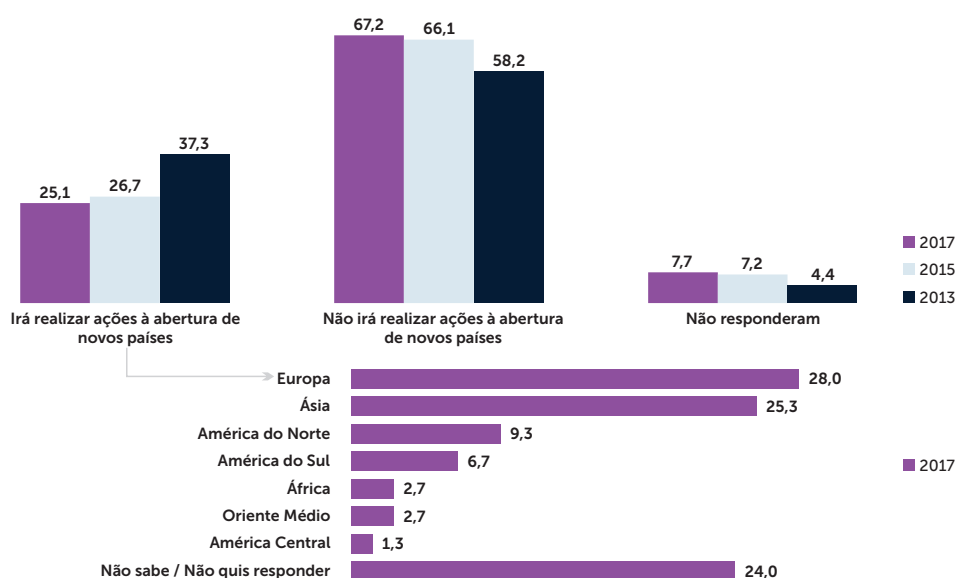
**Gráfico 43: Projeção para o Incremento das Importações em 2017 (%)**



Nas importações, o quadro revelou resultados mais negativos e um em cada 4 empresários (26%) acredita que as importações cairão em 2017. Esta percepção está em conformidade com os dados do comércio exterior do Rio, que apontam nos primeiros meses do ano uma tendência de aumento de exportações e queda nas importações.

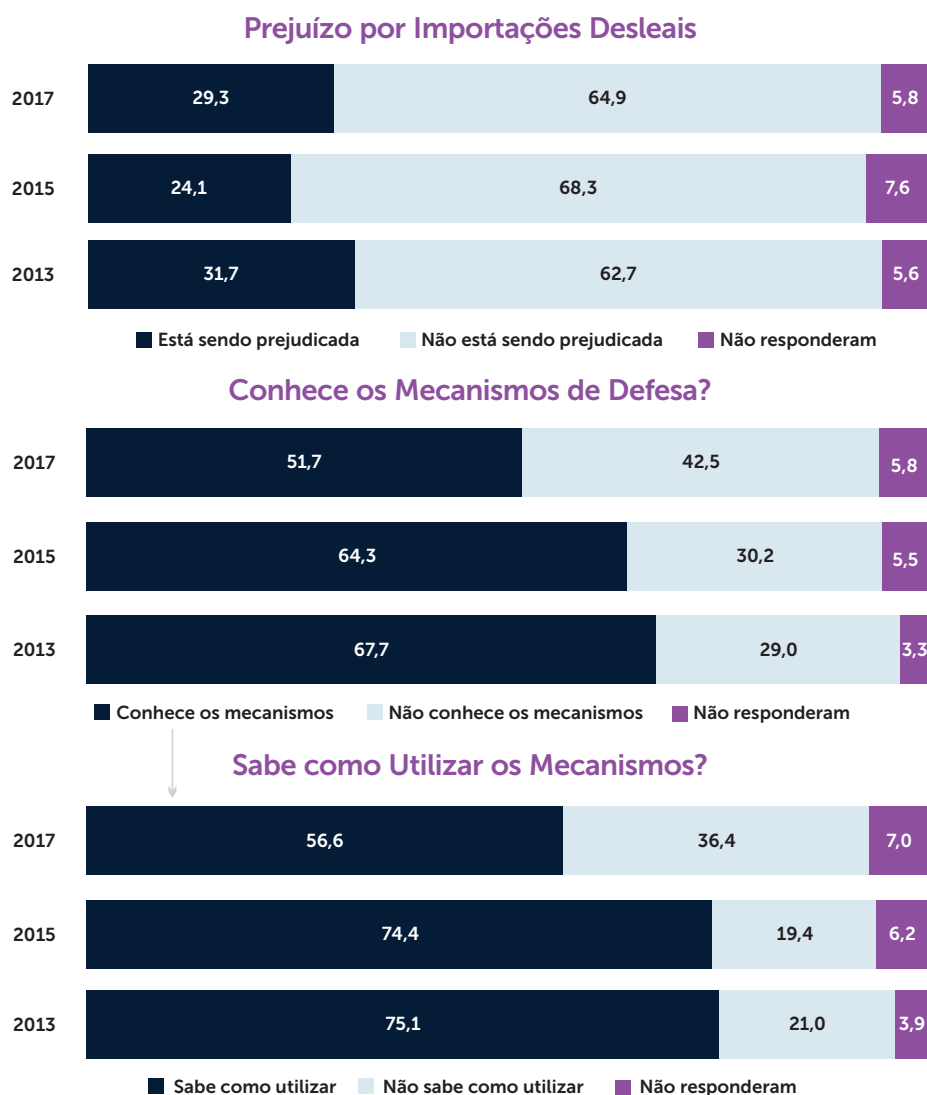
Enquanto 40% esperam estabilidade para as aquisições de origem externa, apenas 24% esperam incremento nas suas operações de importação, menor percentual das últimas edições, que foi de 32% em 2015 e 40% em 2013.

**Gráfico 44: Abertura de Novos Mercados Fornecedores em 2017 (%)**



Seguindo a tendência mais pessimista em relação às importações, dois em cada 3 empresários do Rio não vão buscar novos mercados fornecedores (67%). Entre os importadores em busca de novos mercados, 28% priorizará fornecedores na Europa, sobretudo a Alemanha, e 25% na Ásia, em especial a China.

**Gráfico 45: Defesa Comercial (%)**

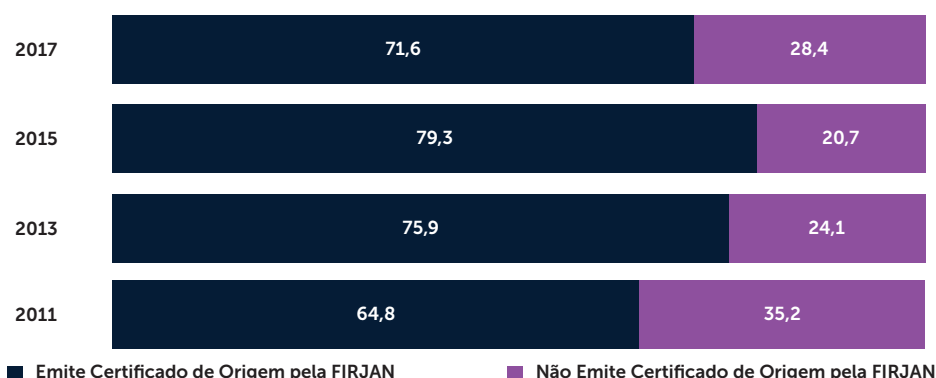


Apesar do universo reduzido de empresas que atuam no comércio exterior, 29% dos empresários do Rio consultados responderam que seus negócios estariam sendo prejudicados por importações desleais ou fraudulentas, como por importações realizadas a preços de *dumping* ou subfaturadas. Apesar de ser minoria, o percentual aumentou em relação à pesquisa de 2015. Assim, parte considerável das empresas do Rio de Janeiro se sente lesada por importações desleais.

A partir desse cenário, ao serem questionadas quanto ao conhecimento dos mecanismos de defesa comercial, a maioria (52%) indicou conhecer. Entretanto, esse foi o menor percentual registrado no Diagnóstico do Comércio Exterior. Cabe a ressalva de que, das empresas que se sentem lesadas conforme a pergunta anterior (29%), 46% não conhecem os instrumentos de defesa comercial. São esses mecanismos – como antidumping, medidas compensatórias e salvaguardas – que podem proteger a indústria doméstica contra o dano provocado por práticas desleais de comércio internacional.

Dentre as empresas que conhecem os mecanismos, pouco mais da metade (57%) sabe como utilizá-los ou acioná-los. Ou seja, de todas as empresas pesquisadas, apenas 29% conhecem os mecanismos e sabem utilizá-los.

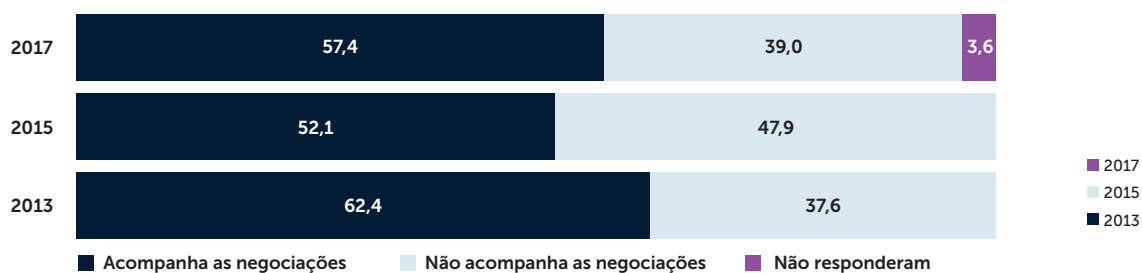
**Gráfico 46: Órgãos para Emissão de Certificado de Origem (%)**



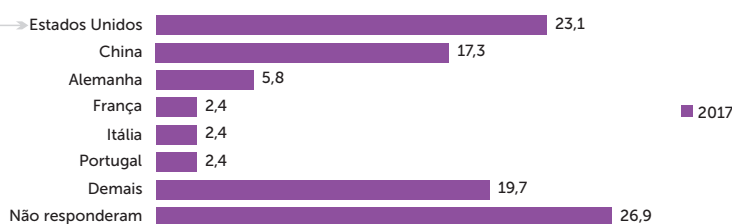
Dentre as empresas exportadoras entrevistadas que emitem o Certificado de Origem<sup>13</sup>, a maior parte utiliza a FIRJAN para emissão do documento (72%). Este desempenho é resultado de mais de 40 anos de experiência da FIRJAN como entidade emissora habilitada que oferece ao empresário a segurança necessária para o sucesso de suas exportações. Desde 2009, conta ainda com o sistema de emissão on-line desenvolvido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com a FIRJAN, por meio da FIRJAN Internacional.

Vale salientar que a crescente utilização das medidas de defesa comercial, especialmente aquelas que procuram inibir a prática de circunvenção e de triangulação, está amparada em falsa declaração de origem. Essa prática confere à emissão de certificados de origem enorme relevância, pois o documento também passa a ser necessário nas importações não contempladas por preferências tarifárias determinadas por acordos internacionais. Assim, a certificação de origem vem ganhando significativa importância e deve merecer adequado tratamento e atenção por parte dos exportadores e importadores brasileiros.

**Gráfico 47: Negociações Internacionais (%)**



**Com qual país um acordo resultaria em maior incremento para sua empresa?**



<sup>13</sup> O certificado de origem é o documento utilizado para comprovar origem da mercadoria e conceder benefícios fiscais (isenção parcial ou total do imposto de importação no país de destino) nos países com os quais o Brasil celebra acordos comerciais, garantindo acesso preferencial das mercadorias e competitividade do produto no mercado externo.



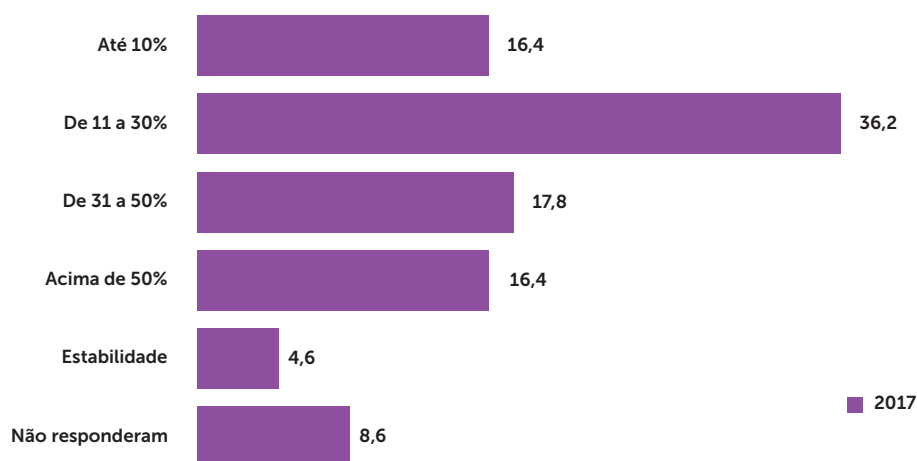
De acordo com o Diagnóstico de 2017, as empresas que atuam no comércio exterior do Estado do Rio estão mais interessadas nas negociações internacionais do Brasil: 57% delas apontaram que acompanham as negociações, resultado superior à pesquisa anterior (52%).

As empresas que acompanham as negociações também selecionaram o país com o qual um acordo comercial poderia resultar em maior incremento para a empresa. Dos países elencados, o principal citado foram os Estados Unidos (28%), seguido da China (17%).

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância do Diálogo MDIC-Departamento de Comércio dos EUA (DoC) entre o governo brasileiro e o americano. Essa iniciativa visa à cooperação em temas como regulações, investimentos, harmonização de informações técnicas e facilitação de negócios para poder incrementar o intercâmbio comercial.

Ainda, vale destacar que as empresas do Rio citaram diversos países europeus, como Alemanha, França, Itália e Portugal, que pertencem ao bloco da União Europeia, com o qual o Mercosul está em negociação para um acordo comercial.

**Gráfico 48: Incremento FOB das Operações Caso as Negociações sejam efetivadas (%)**



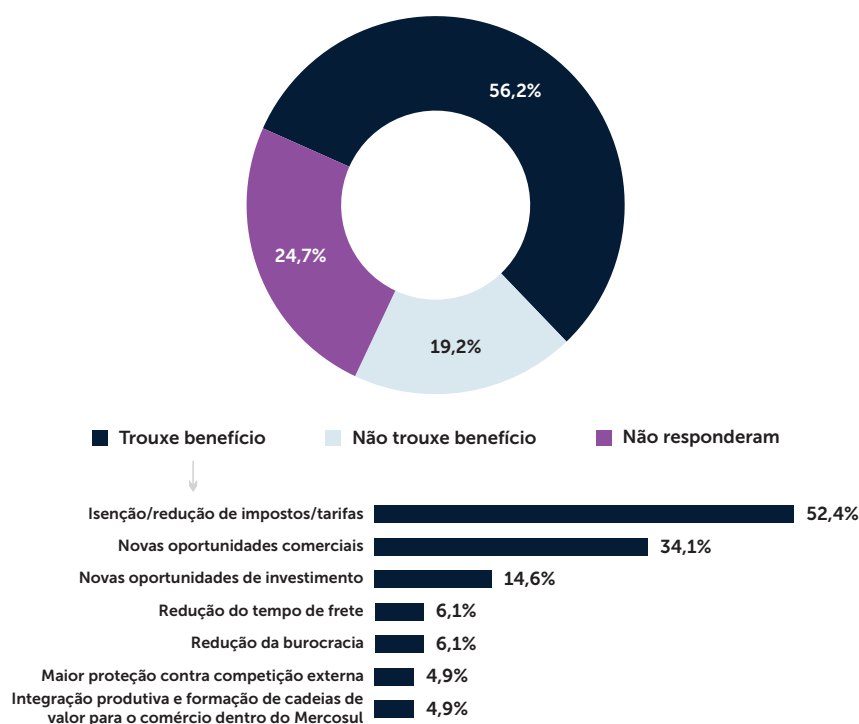
As empresas fluminenses estão mais cada vez mais tendentes a estimar que a efetivação dos acordos comerciais citados anteriormente são fatores relevantes para o incremento de suas operações de importação e exportação. Oitenta e sete por cento das empresas do Rio envolvidas com o comércio exterior estimam incremento FOB nas operações – 16% estimam incremento acima de 50%. Apenas 5% esperam estabilidade no comércio exterior com a conclusão dos acordos.

**Gráfico 49: Intercâmbio Comercial com os Países do Mercosul (%)**



Neste Diagnóstico, pela primeira vez, detalhamos para as empresas fluminenses algumas perguntas específicas sobre o bloco do Mercosul, composto por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela (Bolívia ainda está em processo de adesão). Levou-se em consideração a importância da área econômica na balança comercial do Rio de Janeiro e as mais recentes discussões sobre os rumos que o Brasil deveria tomar com relação ao bloco. De todas as empresas respondentes da pesquisa, 40% indicaram que realiza exportações ou importações com algum um país do Mercosul como parceiro comercial.

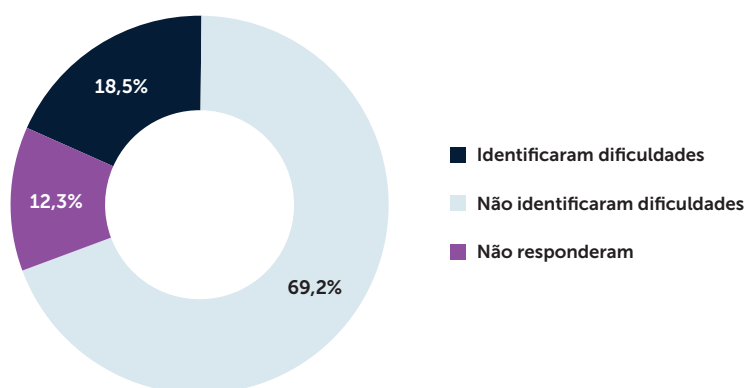
**Gráfico 50: Benefícios do Mercosul (%)**



As empresas que se relacionam com o Mercosul também foram questionadas quanto aos principais benefícios que o bloco traz para a empresa. A maior parte das respondentes (56%) identificou vantagens do bloco. A isenção ou redução de tarifas foi o benefício citado em primeiro lugar (52%), enquanto novas oportunidades comerciais ficaram em segundo (34%) e, em terceiro, novas oportunidades de investimento (15%).

**Gráfico 51: Dificuldades do Mercosul (%)**

---



As empresas que exportaram ou importaram do bloco responderam quais as principais dificuldades observadas em relação ao Mercosul. Apenas 18% das empresas destacaram problemas no relacionamento com os outros países do bloco, especialmente no quesito falta de coordenação aduaneira.



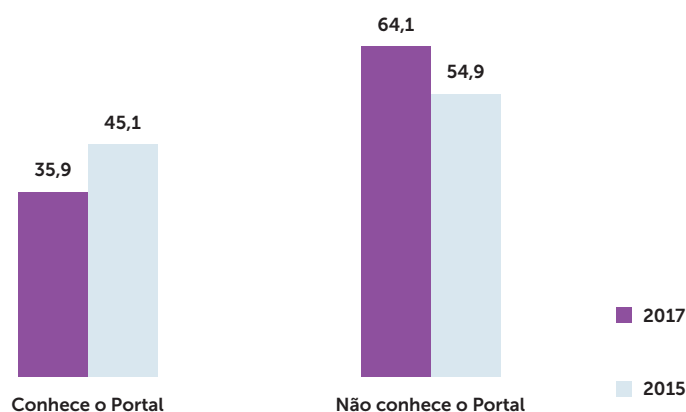


# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## Considerações Finais

**Gráfico 52: Portal Único do Comércio Exterior (%)**



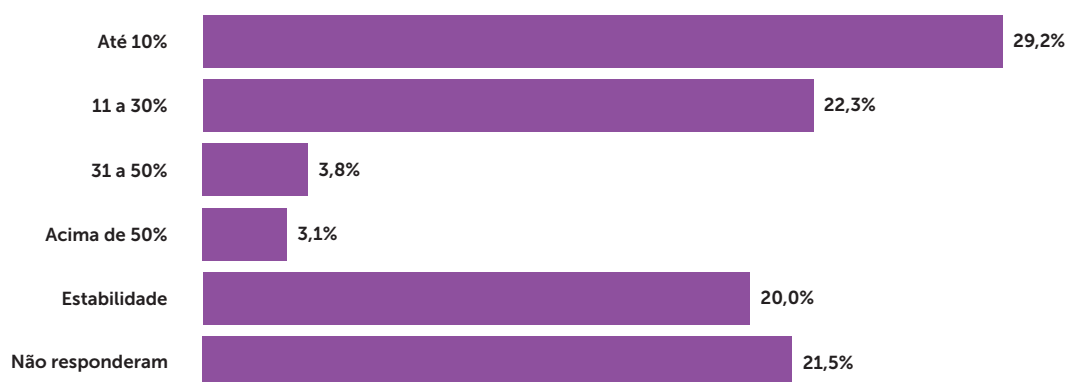
O Programa Portal Único de Comércio Exterior é uma iniciativa do Governo Federal, a partir de pleitos do setor privado de reformulação dos processos de importação, exportação e trânsito aduaneiro. Com ele, busca-se estabelecer processos mais eficientes, harmonizados e integrados entre todos os intervenientes públicos e privados no comércio exterior.

Com a implementação do Portal, espera-se que os tempos para se exportar do Brasil sejam reduzidos de 13 para 8 dias, prazo dentre as melhores práticas internacionais. Na importação, almeja-se que os prazos médios de importação cheguem a 10 dias, frente à média atual de 17 dias.

O Governo Federal lançou o programa em 2014 e tem feito entregas parciais, com previsão de completar o projeto em 2018. Desde a última edição do Diagnóstico, o governo já entregou o módulo Anexação Eletrônica de Documentos (eliminação da exigência de papel em 99% das operações de comércio exterior) e começou a implantar o Novo Processo de Exportações (modal aéreo) e a utilizar a Declaração Única de Exportação (DU-E), que substitui os três documentos de exportação (RE, DSE e DE).

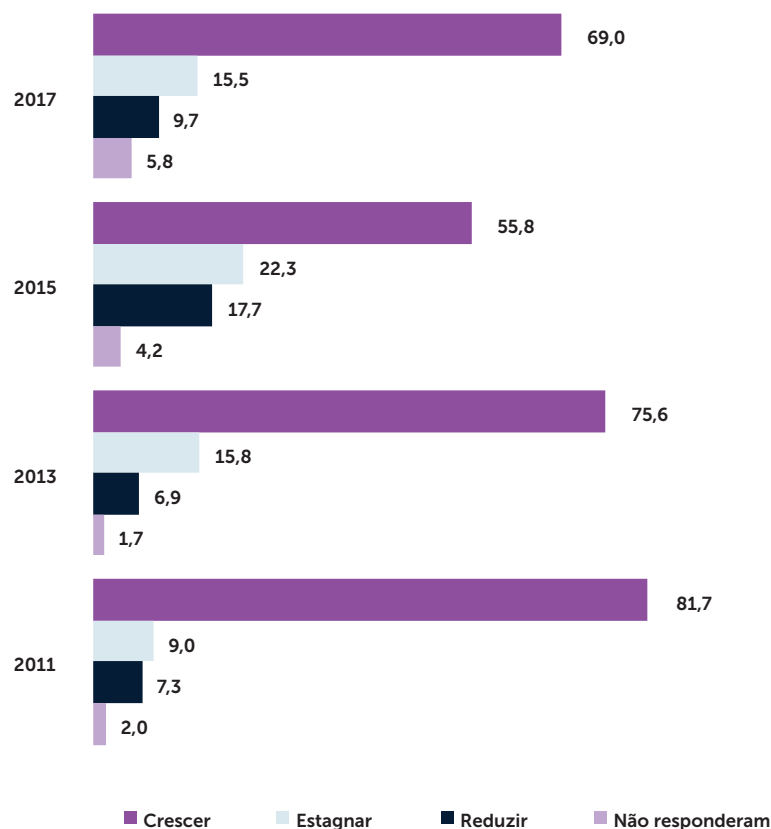
Assim, é fundamental que as empresas conheçam o portal como um projeto único e entendam as ferramentas apresentadas. Contudo, no Estado do Rio, 64% das empresas que atuam no comércio exterior revelaram não conhecerem o Portal Único, percentual que foi inclusive superior à última edição do Diagnóstico (55%).

**Gráfico 53: Incremento FOB nas operações caso o Portal Único seja completamente implementado (%)**



Indagamos às empresas que conhecem o Portal Único qual a expectativa de incremento nas suas exportações e importações quando o programa for totalmente finalizado pelo governo. A perspectiva foi em geral positiva: três em cada 5 empresários (58%) esperam incremento no comércio exterior, enquanto apenas uma em cada 5 empresários prevê estabilidade. Vale registrar que a maior parte dos empresários que prevê crescimento nas operações estima um avanço de até 30%.

**Gráfico 54: Tendência do Comércio Exterior (%)**



Ao longo do Diagnóstico foi possível identificar o perfil operacional das empresas importadoras e exportadoras, além de conhecer os entraves e as expectativas que essas empresas têm com relação ao comércio exterior brasileiro. Para tanto, levou-se em conta a evolução dessa percepção nos últimos 6 anos, ao comparar com as pesquisas realizadas anteriormente.

As empresas fluminenses foram questionadas quanto à tendência do comércio exterior nos próximos anos. Nota-se que, em 2015, as empresas tiveram perspectiva mais conservadora que nas edições anteriores, na medida em que o percentual de empresas que esperava crescimento do comércio exterior saiu de 82% em 2011 para 56% em 2015. Já em 2017, as exportadoras e importadoras do Rio estiveram mais otimistas e 69% das respondentes indicaram que a tendência do comércio exterior em 2017 seria de crescimento. O percentual de empresas que estimam que o comércio exterior vai permanecer estável caiu para 15% do total, enquanto 10% esperam redução do intercâmbio comércio nos próximos anos.

O Sistema FIRJAN acredita que o Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio de Janeiro possa colaborar para a efetivação de políticas públicas e ações orientadas à internacionalização das empresas fluminenses. Com este trabalho é possível identificar uma série de ações prioritárias a serem desenvolvidas em prol do comércio exterior do Estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, as exportadoras e importadoras do Estado do Rio avaliaram a política de comércio exterior desenvolvida pelo governo brasileiro, com base em notas de 0 a 10. Nota-se a partir dos Diagnósticos anteriores uma tendência mais pessimista dos empresários fluminenses a respeito das perspectivas do comércio exterior, além de pouca melhora com relação à percepção dos entraves enfrentados. Diante desse cenário, a avaliação dos empresários fluminenses sobre a atual política de comércio exterior brasileira teve uma nota média que reduziu de 6,09 em 2011 para 4,65 em 2015.

Contudo, conforme esta edição evidenciou nas seções anteriores, o panorama geral aponta para mais melhorias do que agravamentos nos entraves e dificuldades do comércio exterior, resultado dos esforços mais robustos dos atores do comércio exterior em desburocratizar e facilitar os fluxos comerciais brasileiros. Essas e outras ações se refletem na avaliação média de 5,79 para a política de comércio exterior brasileira, uma leve retomada em relação a 2015 (4,65).

### Gráfico 55: Nota da Política de Comércio Exterior Brasileira



Ainda que a avaliação tenha tido ligeiro aumento no comparativo com a última edição, os resultados evidenciados até esta seção deixam claro que existe uma série de gargalos tanto para exportações como para importações, sejam custos logísticos, tributários, burocráticos, ou mesmo a atuação de órgãos anuentes.

Tendo em vista o **Mapa do Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro 2016-2025**, os empresários fluminenses fizeram uma avaliação das propostas mais relevantes para o desenvolvimento do Rio de Janeiro. Em relação ao ambiente de negócios do comércio exterior do Estado, as prioridades elencadas foram:

- eliminar a carga tributária sobre exportações de bens e serviços;
- aprimorar os mecanismos de defesa comercial brasileiro;
- fortalecer e diversificar os acordos econômico-comerciais do Brasil;
- simplificar e agilizar processos para o comércio exterior; e
- ampliar o acesso ao mercado internacional pela indústria do estado.

Essas propostas estão em sintonia com os resultados desta pesquisa, que apontou que as empresas fluminenses ainda enfrentam diversos desafios, tributários, burocráticos ou operacionais. Torna-se fundamental, portanto, que o governo e os atores do comércio exterior, públicos ou privados, continuem e intensifiquem seus esforços para superação das barreiras e dificuldades do comércio exterior levantadas nesse documento, de modo a permitir maior inserção do Rio de Janeiro no comércio internacional.



## Metodologia e Amostra

O Diagnóstico do Comércio Exterior foi realizado mediante entrevistas telefônicas com questionário estruturado no mês de abril de 2017. As entrevistas foram feitas por instituto de pesquisa contratado sob supervisão da Gerência de Pesquisas do Sistema FIRJAN.

Para o plano amostral houve a preocupação de coletar uma amostra proporcional representativa da população em estudo em relação às variáveis: porte da empresa e representação regional do Sistema FIRJAN. A amostra é significativa em relação à totalidade de empresas exportadoras e/ou importadoras do Estado do Rio de Janeiro e soma 362 respondentes. Dessa forma, elimina-se a hipótese de encontrar resultados com significativas distorções da realidade, pois foi obtida margem de erro de 5,1% em um intervalo de 95,0% de confiança. Assim, pode-se afirmar com 95,0% de segurança que os resultados mostrados na pesquisa refletem a opinião e percepção das empresas exportadoras e/ou importadoras do estado, com variação num intervalo de 5,1% para menos a 5,1% para mais.

## Nota Metodológica

A Pesquisa do Diagnóstico de Comércio Exterior do Estado do Rio foi iniciada em 2011 e desde então acompanha bienalmente os movimentos das indústrias do Rio de Janeiro em suas negociações internacionais. No entanto, medir este comportamento implica, necessariamente, a reavaliação periódica das escolhas possíveis, dos entraves e dos níveis de acesso alcançados bem como na melhor verificação e leitura da informação gerada. Por isso, em sua 4ª edição, a pesquisa foi aprimorada para melhor captar os desafios e o perfil do comércio exterior fluminense. O trabalho de revisão da pesquisa teve três pilares: revisão do questionário, identificação de novas questões a serem contempladas no diagnóstico pertinente ao tema e crítica da usabilidade do dado e da informação apresentados em gráficos e tabelas.

O principal objetivo foi obter maior refinamento na análise através de resultados mais claros e evidentes que pudessem ser facilmente expressos em gráficos ou tabelas, preservando, sempre que possível a comparação com as edições anteriores. Ressalta-se aqui que, por esse motivo, a série histórica criada a partir dos diagnósticos anteriores foi recalculada à luz desta nova metodologia e, assim, as comparações entre os resultados das edições 2015, 2013 e 2011 deverão ser feitas com base no que é mostrado neste Diagnóstico de Comércio Exterior de 2017.

Algumas das alterações do Diagnóstico de 2017 incluem:

- Reformulação da apresentação do resultado de Emissão de Certificado de Origem. O resultado contempla empresas exportadoras que mencionaram emissão de Certificado de Origem através do Sistema FIRJAN e empresas exportadoras que emitem Certificado de Origem, porém não mencionaram a FIRJAN;
- Reavaliação das categorias de respostas sobre percentuais das expectativas e diversas projeções de comércio exterior, agrupados em menor número;
- Simplificação da captura das respostas sobre identificação dos principais entraves e dificuldades na exportação e importação, incluindo operações portuárias e aeroportuárias, processos da burocracia alfandegária e aduaneira, órgãos anuentes e países com os quais a empresa se relacionou;
- Clareza na identificação do fluxo de Comércio Exterior por meio da indicação do principal país de destino das exportações e de origem das importações e posterior tratamento e identificação dos continentes;
- Sondagem do país que resultaria em maior incremento de Comércio Exterior para a empresa caso haja um acordo comercial negociado pelo Brasil. A nova formulação permite que as empresas que acompanham acordos internacionais destaquem também quais os países de maior interesse da indústria fluminense para negociar-se acordo específico;
- Inserção de novas questões referentes ao bloco do Mercosul e à utilização do Portal Único de Comércio Exterior.



Sistema  
**FIRJAN**



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

Acompanhe as redes sociais do Sistema FIRJAN:    